



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru



**SILVIO VIEIRA DE MIRANDA**

**O PAPEL DA GENEROSIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL NUMA  
ESCOLA WALDORF**

**BAURU  
2018**

Seção Técnica de Pós Graduação FC

Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, Bauru-SP CEP: 17033-360  
Fone: (14) 3103-6077 Fax: (14) 3103-6177 email: pgfc@fc.unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru



**SILVIO VIEIRA DE MIRANDA**

**O PAPEL DA GENEROSIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL NUMA  
ESCOLA WALDORF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Campus de Bauru, Faculdade de Ciências, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Ensino. Linha de Pesquisa “Fundamentos do Ensino e da Educação Básica”.

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Melissa Lepre

Bauru

2018

Miranda, Silvio Vieira de.  
O papel da generosidade no desenvolvimento da moral  
numa escola Waldorf / Silvio Vieira de Miranda, 2018  
82 f.

Orientador: Rita Melissa Lepre

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

1. Desenvolvimento moral. 2. Generosidade. 3.  
Escola waldorf. I. Universidade Estadual Paulista.  
Faculdade de Ciências. II. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de SILVIO VIEIRA DE MIRANDA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS.**

Aos 07 dias do mês de fevereiro do ano de 2018, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. RITA MELISSA LEPRE - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação / UNESP/Bauru, Profa. Dra. ELIANE PATRICIA GRANDINI SERRANO do(a) UNESP/FAAC / UNESP/FAAC, Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES do(a) Educação / UNESP/BAURU, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de SILVIO VIEIRA DE MIRANDA, intitulada "**O Papel da Generosidade no Desenvolvimento da Moral Numa Escola Waldorf**" e produto educacional "**É bom praticar a generosidade: um exemplo de seu emprego no processo criativo do professor**". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
Profa. Dra. RITA MELISSA LEPRE

  
Profa. Dra. ELIANE PATRICIA GRANDINI SERRANO

  
Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES

## Agradecimentos

Ofereço inicialmente este trabalho ao meu querido e saudoso pai, Abílio, exemplo para todos os momentos, nunca pôde ir à escola e no entanto ofereceu ao mundo quatro filhos professores.

Para a minha querida mãe Florinda que teria sido uma maravilhosa professora, mas marido e nove filhos a direcionaram para os afazeres de casa.

Para os meus irmãos, avós, tios e amigos por me ensinarem o que significa fazer parte de uma amorosa família.

Para minha esposa Rosane com a qual vivenciei na prática a generosidade, a paciência e o amor pela minha dedicação à educação.

Para os meus filhos Petrus e Clara sem os quais não teria maturidade suficiente para entender o significado da palavra generosidade.

Para Leonore Bertalot responsável por promover a formação de professores Waldorf no Brasil e motivo pelo qual me tornei um professor Waldorf.

Para meus companheiros de profissão que elevam a educação do nosso país.

Para os pais dos meus alunos de hoje e de ontem, por compartilharem comigo a grandiosa tarefa da formação de seus filhos.

Para meus alunos, pois me fizeram crescer como homem e professor, sempre me impondo bons desafios nas dificuldades, e alegria ao ver o discípulo superando o mestre.

Para minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Melissa Lepre que me deu a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos e descobrir novos desafios. Serei eternamente grato pela oportunidade.

Preciso terminar os meus agradecimentos falando da minha amiga Valéria, razão pela qual amo escrever. Sua generosidade me tornou um escritor. Generosidade de quem corrigiu milhares de palavras. Deu sentido a uma centena de textos. Nunca desistiu frente as minhas dificuldades e nada cobrou. Aprendi o significado do valor generosidade com você. Sei que nunca esperou nada em troca, ou melhor, desejava simplesmente ver o sucesso de seu amigo. Aceite as minhas palavras como gratidão por ter me ensinado a ser generoso.



## Epígrafe



“O professor não precisa só de um conhecimento que lhe seja transmitido da pedagogia e da didática usual, não precisa apenas especializar-se nesta ou naquela disciplina; precisa, sobretudo, daquilo que constantemente se renova nele próprio. Precisa de uma concepção de vida permeada de alma. Precisa mesmo de uma profunda compreensão da vida”

Rudolf Steiner

## O PAPEL DA GENEROSIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL NUMA ESCOLA WALDORF

### Resumo:

O desenvolvimento do juízo moral na criança é o foco da nossa pesquisa. Para Piaget a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire pelas regras. O objetivo do nosso trabalho é procurar identificar e analisar o papel da generosidade como componente do desenvolvimento moral nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola Waldorf. Como objetivos específicos observamos e coletamos dados onde expressões de generosidade entre os alunos e entre esses e os professores ocorreram. A pesquisa foi realizada numa escola Waldorf, razão pela qual apresentamos os principais aspectos da Pedagogia Waldorf e em particular da escola onde a mesma ocorreu. Como embasamento teórico principal adotamos a teoria do desenvolvimento do juízo moral de Jean Piaget (1932). A pesquisa que apresentamos é de abordagem qualitativa, não se preocupando com representatividades numéricas, mas com o aprofundamento da compreensão de um determinado fenômeno, a saber: a expressão da generosidade em uma escola Waldorf. Foram participantes da pesquisa alunos dos três primeiros anos do ensino fundamental, entre 06 a 08 anos, de ambos os sexos. Também participaram os pais dos referidos alunos (pai ou mãe), num total de 30 pais de um total de 90 alunos, configurando 30% da totalidade. Participaram, ainda, 03 professores de classe<sup>1</sup>, 01 de Língua Inglesa, 01 de música e 01 de trabalhos manuais. Os resultados demonstram que para os pais o desenvolvimento moral dos filhos é de extrema importância, que a generosidade está presente nas relações sociais das crianças no cotidiano escolar, nos ambientes livres ou nas atividades promovidas pelos professores, e que os professores conhecem o significado da generosidade e que as estimulam por intermédio das suas atividades. Como produto final da dissertação, elaboramos um livro, no qual apresentaremos atividades didáticas que demonstram o exercício da generosidade na práxis docente de uma escola Waldorf.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento Moral; Generosidade; Escola Waldorf.

---

<sup>1</sup> Na escola Waldorf chamamos de professor de classe o professor responsável pela turma do 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental.

## THE ROLE OF GENEROSITY IN THE DEVELOPMENT OF MORAL IN A WALDORF SCHOOL

### Summary:

The development of moral judgment in the child is the focus of our research. For Piaget the essence of all morality must be sought in the respect that the individual acquires by the rules. The purpose of our work is to identify and analyze the role of generosity as a component of moral development in the early years of elementary school in a Waldorf school. As specific objectives we observed and collected data where expressions of generosity between students and between students and teachers occurred. The research was conducted at a Waldorf school, which is why we present the main aspects of Waldorf Education and in particular the school where it occurred. As the main theoretical basis we adopt the moral development theory of Jean Piaget (1932). The research we present is qualitative approach, not worrying about numerical representativities, but with the deepening of the understanding of a certain phenomenon, namely: the expression of generosity in a Waldorf school. Students of the first three years of elementary school, between 06 and 08 years old, of both sexes were participants of the research. The parents of these students (father or mother) also participated in a total of 30 parents out of a total of 90 students, making up 30% of the total. There were also 03 class teachers<sup>2</sup>, 01 of English Language, 01 of music and 01 of manual works. The results show that for parents the moral development of children is of the utmost importance, that generosity is present in children's social relations in daily school life, in free environments or in the activities promoted by teachers, and that teachers know the meaning of generosity and that stimulate them through their activities. As the final product of the dissertation, we elaborated a book, in which we will present didactic activities that demonstrate the exercise of generosity in the teaching praxis of a Waldorf school. Keywords: Moral Development; Generosity; Waldorf School.

---

<sup>2</sup> At Waldorf School we call the class teacher the teacher responsible for the class from the 1st to the 8th grade of elementary school.



## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Você conhece o significado da palavra generosidade? – pág. 57

Gráfico 2: Para você a generosidade é uma qualidade importante para as crianças? – pág. 57

Gráfico 3: Você já presenciou situações nas quais seu/sua filho(a) praticou ações de generosidade? – pág. 58

Gráfico 4: A família senta junto para almoçar? – pág. 58

Gráfico 5: Com que frequência lê um livro ou conta uma história para o(a) filho(a) dormir? – pág. 59

Gráfico 6: Quando pede alguma coisa o filho(a) utiliza a palavra por favor? – pág. 59

Gráfico 7: Quanto ao desenvolvimento de valores morais do seu/sua filho(a) como você avalia a participação da escola? – pág. 60

Gráfico 8: Na sua opinião os professores podem contribuir para o desenvolvimento da generosidade dos seus/suas alunos(as)? – pág. 61

Gráfico 9: Você achar que participar ativamente nas atividades escolares dos(as) filhos(as) é uma ação importante para o desenvolvimento da generosidade nas crianças? – pág. 61

Gráfico 10: Nos dias atuais é fundamental preocupar-se com a formação moral dos(as) alunos(as), além da formação intelectual? – pág. 62

## Lista de Abreviaturas e Siglas

- 1- PC1 – Professor de Classe do Primeiro Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- 2- PC2 – Professor de Classe do Segundo Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- 3- PC3 – Professor de Classe do Terceiro Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO .....	10
2. A PEDAGOGIA WALDORF.....	24
3 – O DESENVOLVIMENTO MORAL NA PERSPECTIVA PIAGETIANA E A GENEROSIDADE .....	41
4 – METODOLOGIA.....	51
Instrumentos para a coleta de dados .....	52
Procedimentos éticos .....	58
Elaboração do produto .....	58
5 – RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS .....	60
REFERÊNCIAS.....	80

## 1 – INTRODUÇÃO

Iniciarei esta dissertação resgatando partes de minha história profissional, enquanto professor, no intuito de esclarecer como construí e fui construído pelo caminho que culminou no objeto de pesquisa que ora apresentamos: a generosidade e o desenvolvimento moral numa escola Waldorf. Para tanto, adotarei nesta introdução a primeira pessoa do singular, uma vez que julgo impertinente separar o relato que segue de certa personalidade.

Desde muito cedo vim a Botucatu para trabalhar. Terra de meus avós maternos e onde minha mãe nasceu. Nesta cidade sempre levantei cedo e fiz o meu café. Bebia o líquido precioso enquanto lia o jornal do dia. Em 1988, não tinha computador, muito menos acesso à internet. Colocava a roupa e ia para o trabalho. Quase sempre montado no meu cavalo vermelho motorizado.

Lá se vão quase trinta anos como professor. A rotina das manhãs é bem conhecida. Bom dia para os colegas na sala dos professores. Um poema compartilhado em grupo. Bom dia para a cuidadora do pátio da área I, onde dou aulas para os alunos dos primeiros anos. Bom dia para alguns pais presentes na porta da sala de aula. Feliz repito um novo bom dia para cada um dos trinta alunos na porta da classe.

Já levei várias turmas do 1º ao 8º ano como professor de classe da Escola Waldorf Aitiara. Dentro da classe o meu cotidiano é sempre o mesmo, porém jamais igual. Com crianças, quase nada é igual. Na sala de aula, as inseguranças e incertezas sempre existiram e existirão. Lembro-me como se fosse ontem quando vim participar de um processo seletivo para professor. Recém-saído do magistério, jamais pensei ser escolhido para o trabalho. Uma escola pequena, na zona rural de Botucatu, repleta de estrangeiros, mas com um mesmo número de caipiras, como fora o meu pai. Era ouvir alemão de um lado e caipira do outro. Era chamar um professor de Erich Blaich e o outro de Adão. Na verdade, o Seu Adão era o caseiro e faz tudo da escola. Nunca esqueço de sua voz rouca cantando Tristeza do Jeca. Ali eu repousava, e sabia ter feito a escolha certa. Dois mundos diferentes se completavam. O novo mundo apresentado pelos novos colegas, alemães, noruegueses, suíços, holandeses, portugueses, mineiros e os paulistanos, e o mundo já conhecido, nas boas conversas com o Seu Adão, Dona Cida, Inês,

Donizete, Aparecido, Jonacir, Fernando. São tantos. A escola cresceu. Quando cheguei, tínhamos trinta alunos. Hoje, somos quase quatrocentos. Nunca imaginara ser professor. O meu ideal sempre fora maior do que tinha ou terei para oferecer. Nunca foi fácil conviver com isso, mas sempre me dei bem com as crianças. Conheço-as bem. Criança é sempre criança. Cresce aos poucos. É difícil estranhar. Só acontece estranhamento quando se fica muito tempo longe. Não sei o que é ficar longe delas. A fase anterior à do jovem é menos complicada.

Na classe, não vejo o tempo passar. Estou sempre atento a tudo. Gosto de ser pontual. Guio-me pelas sequências das atividades. Poderia não ter relógio: provavelmente terminaria a aula no tempo exato. A aula inicia com um poema da manhã, falado do 1º ao 4º ano de toda escola Waldorf. Depois, há uma parte rítmica, onde os alunos cantam, falam poesias, recitam tabuadas, pulam, correm e ficam prontos para o estudo. Na sequência, os alunos falam o seu poema do boletim, recebido ao final de cada ano e declamado pelo aluno uma vez na semana. O poema é feito pelo professor, um para cada aluno, e contém estímulos para um harmonioso desenvolvimento do aluno. Tocamos flautas antes de iniciarmos o conteúdo mais específico. Envolvido em imagens, utilizo desenhos, pinturas, materiais concretos, passeios, entre outros recursos para a melhor compreensão. Registros no caderno. A aula de época, as duas primeiras aulas da manhã, não pode terminar sem uma bela história. No primeiro ano, por exemplo, é um conto de fadas. Há ainda tempo para agradecermos o lanche e comermos. Quase sem perceber, tudo acontece numa sequência harmoniosa, quebrada apenas pelo sinal. Aos poucos, o recreio ganha vida e as crianças preenchem todos os espaços.

Sala dos professores, café, banheiro, café, secretaria, café. Sinal. É um conforto ser avisado para o que deve ser feito. Volto para a sala de aula. Por vezes, não volto. Sempre sei com antecedência se volto ou não volto. Por vezes, dou uma aula de pintura, tricô, crochê, desenho de formas. Quando cheguei, não sabia desenhar, tocar flautas, pintar, fazer trabalhos manuais. São conquistas frutos de um curso de formação de três anos de Pedagogia Waldorf. Todo professor Waldorf deve fazer esse curso. E dos encontros semanais de formação continuada.

O sinal avisa: é hora de ir embora. O sinal não falha. O almoço, antigamente era feito para dois dias. Antigamente, assistia um pouco de esporte. Um cochilo. Uma leitura. Cadernos de alunos. Toda quinta-feira, uma tarde reservada para



formação e trabalho coletivo de gestão escolar. Nunca dormi depois das 21h45, condição para quem acorda às 5h30. Hoje tenho dois filhos que vão comigo para a escola. Não estou mais sozinho, mesmo quando quero estar sozinho. É melhor não estar sozinho. A mulher não deixa mais comer almoço feito para dois dias. As crianças não deixam assistir esporte, muito menos o cochilo.

São as perguntas que nos põem em movimento e nos fazem avançar em direções antes não imaginadas. Depois de vinte e sete anos lecionando na Escola Waldorf Aitiara, passei a me perguntar o que me fazia levantar a cada manhã e seguir em direção à escola. Não saber fazer outra coisa? O ganha pão de cada dia? A vocação identificada desde criança? O que me move afinal para o encontro diário com meus alunos na sala de aula? O que lhes ofereço? O que aprendo com eles? O que aprendemos juntos? Qual o valor deste aprendizado?

A melhor resposta encontrada por mim foi reconhecer o quanto mudei e aprendi desde minhas primeiras aulas. Lembro da minha primeira turma de alunos. Quantas dúvidas. Quantos erros. Quantos medos. Felizmente, algumas certezas oferecidas pela impetuosidade juvenil. O que não me deixou desistir da docência foi, primeiro, a crença, e, depois, a constatação, no cotidiano da escola, das ideias defendidas pela Pedagogia Waldorf - o professor aprende enquanto ensina. Indo mais além, afirmava ser impossível ensinar sem aprender. Um foco todo voltado para a autoeducação do professor. Tornei-me um melhor professor seguindo este princípio. Hoje olho para trás e reconheço neste ensinar/aprendendo o motivo principal para ter permanecido na Escola Aitiara. A autoeducação nada mais é que estar consciente da sua natureza interior, e uma vez conhecendo suas fortalezas e suas fraquezas, dominar seus impulsos mais imediatos e buscar desenvolver suas imperfeições. Se sou um professor colérico necessito trabalhar em mim a calma ao resolver conflitos, se sou um professor muito melancólico talvez precise buscar mais alegria no convívio com meus alunos. De toda maneira a autoeducação passa pela busca consciente da superação das nossas imperfeições. O que em maior ou menor grau é um desafio para todo professor. Se sou desafinado e preciso cantar irei fazer aulas de canto. Caso tenha problemas com a fala irei fazer um trabalho de dicção, por exemplo.

Uma segunda pergunta como consequência da primeira: o que ensino de fato para os meus alunos? Conteúdos? Disciplina? Arte? Sempre que encontro

meus ex-alunos dizem que ofereci algo a mais. O que é esse algo a mais? Muitos dos meus ex-alunos me atribuem a virtude da generosidade, agradecem pelo amor dedicado, pelos conselhos carinhosos, pelo ombro amigo, o abraço protetor, a paciência ao ensinar, a preocupação com os valores morais. Sempre digo que recebi tudo em dobro. Aprendi a ser forte para dar segurança para os meus alunos. A caminhar no correto caminho para ser um bom exemplo para eles. A controlar os meus sentimentos à sua frente e não desmanchar em lágrimas pelas perdas pessoais. Nunca escondi minhas emoções e sentimentos, mas cuidei, a cada momento, de não passar da medida. A base da minha ética foi construída na minha família, mas fortaleceu-se respondendo às necessidades dos meus alunos.

Fiquei especialmente interessado pelo algo a mais relatado pelos meus ex-alunos, relacionado a valores éticos. Em especial, às atitudes de generosidade. O meu conhecimento inicial a respeito do significado da generosidade era bastante incipiente, acreditava estar fundamentado em fazer o bem para o outro e oferecer para o próximo o que temos a mais. Fiquei logo no início dos estudos especialmente feliz por descobrir ter o gesto generoso relação direta com o não esperar nada em troca na realização da sua ação, o que acredito ter muitas vezes praticado de maneira intuitiva. Precisava agora saber um pouco mais a respeito do tema. Acreditava que os valores éticos não eram somente relacionados comigo, mas com a escola. Quais atitudes derivam desses valores? Quais dependiam da atitude do professor? Quais eram frutos do currículo ou da metodologia da Escola Waldorf?

O primeiro interesse decorrente dessas perguntas foi entender o quanto a autoeducação do professor influencia a formação do aluno. Depois, a vontade de realizar uma pesquisa relacionada à construção de valores morais nos alunos, na perspectiva da generosidade. Atitudes generosas por parte dos professores e alunos são importantes na construção da moral? Quais atividades estimulam atitudes generosas nas relações escolares? Podemos compartilhar essas experiências com professores de outras escolas? Por fim, buscar uma linha de pesquisa numa Universidade, que me ajudasse a responder a tantas perguntas. O presente trabalho inscreve-se, assim, na linha de pesquisa “Fundamentos do Ensino e da Educação Básica”, Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Campus de Bauru, Faculdade de Ciências.

O fato de também trabalhar na escola pública e acompanhar com preocupação os atuais resultados das avaliações externas como o SARESP<sup>3</sup>, PROVA BRASIL e ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização) que demonstram que os alunos das diferentes regiões brasileiras não apresentam resultados de aprendizagem satisfatórios. Parte do problema está relacionado às questões sociais que interferem no cotidiano escolar. Como professores nos deparamos a todo momento com situações referentes à formação ética de nossos alunos e não podemos deixar que seja negligenciada também pela escola, “valores como responsabilidade, tolerância, justiça solidariedade constituem o corpo central da formação dos cidadãos. A formação desses valores não pode ser mais deixada a cargo do processo espontâneo da vida social” (TEDESCO, 2004, p. 96). Como criar um ambiente escolar que propicie uma melhora na aprendizagem nas nossas escolas? Como desenvolver nas crianças atitudes de respeito para com os seus colegas e para com os seus professores? A cultura da generosidade dentro do ambiente escolar pode influenciar na construção da moral e facilitar o processo ensino-aprendizagem?

Estas questões nos levaram ao nosso tema da presente pesquisa, que se debruça com interesse sobre essas perguntas, a saber:

- Pesquisar atitudes de generosidade entre alunos/alunos e entre alunos/professores, dos três primeiros anos do ensino fundamental (1º, 2º e 3º), da Escola Waldorf Aitiara, tendo como foco o papel da generosidade no desenvolvimento da moral. Com início no ano de 2016 e término previsto para 2017.

Como embasamento teórico principal adotamos a teoria do desenvolvimento do juízo moral de Jean Piaget (1932).

“Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (PIAGET, 1994, p. 23). Conhecer o desenvolvimento da moral no ser humano exige um estudo amplo desde a mais tenra idade.

Certamente, as relações da criança com os pais não são apenas relações de coação. Há uma afeição mútua espontânea que impele a criança, desde o princípio, a atos de generosidade e mesmo de sacrifício, a demonstrações comoventes que não são absolutamente prescritas. Aí está, sem dúvida

---

<sup>3</sup> Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

Seção Técnica de Pós Graduação FC

Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, Bauru-SP CEP: 17033-360  
Fone: (14) 3103-6077 Fax: (14) 3103-6177 email: pgfc@fc.unesp.br

nenhuma, o ponto de partida daquela moral do bem que veremos desenvolver-se a margem daquela do dever e que triunfará completamente em alguns indivíduos. O bem é um produto da cooperação. (PIAGET, 1994, p. 154).

Para Piaget ocorre uma busca pela autonomia moral na criança na relação com o outro. “A autonomia só aparece na reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado”. (PIAGET, 1994, p. 155). Na sequência Piaget fala do papel do adulto na escola em relação à conquista da norma moral pela criança.

O adulto deve ser um colaborador e não um mestre, do duplo ponto de vista moral e racional. Mas, inversamente, seria imprudente contar só com a “natureza” biológica, para garantir o duplo progresso da consciência e da inteligência, quando constatamos como toda norma moral tanto quanto toda lógica são produtos da cooperação. Então, realizaremos, na escola um meio tal que a experimentação individual e a reflexão em comum se chamem uma à outra e se equilibrem. (PIAGET, 1994, p. 300).

Também Yves de La Taille nos oferece elementos para a ampliação da compreensão da moral e afirma “A moral não nos diz o que é ser feliz nem como sê-lo, mas sim quais são os deveres a serem necessariamente obedecidos para que a felicidade individual tenha legitimidade social. (La Taille, 2006, p. 60). Na caminhada frente a construção da moral o mesmo autor nos fala do valor da generosidade.

A generosidade é a virtude altruísta por excelência. Neste ponto, ela novamente se distingue da justiça. A lei justa é boa para todos, inclusive para a pessoa que exerce a justiça. O ato de generosidade favorece quem é por ele contemplado, não quem age de forma generosa. É por ser a generosidade inteira dedicação a outrem que digo que ela traduz plenamente o altruísmo. (LA TAILLE 2006, p. 62).

Montenegro (2005) num artigo de sua autoria também traz importante contribuição para a compreensão da generosidade.

No pensamento cartesiano, a generosidade é considerada a mais importante de todas as virtudes, pois, quando pratica uma ação generosa, a pessoa está exercendo a liberdade ante seus afetos e a si mesmo, ao tornar-se senhora de suas paixões. Em Descartes a verdadeira generosidade implica ‘conhecer que nada nos pertence realmente, a não ser a livre disposição de nossas volições, e que nada além do bom ou mau uso que fazemos dessa liberdade merece louvor ou censura’ (Descartes, As Paixões, art.153, apud Cottingham, 1995, p. 70). (MONTENEGRO, 2005, p.91).

Dentro da Pedagogia Waldorf existe grande preocupação em relação ao desenvolvimento da criança que deve ser pautado pela valorização dos aspectos morais e a responsabilidade do mesmo frente aos aspectos sociais, como pode ser observado na afirmação que segue.

Há três virtudes que precisam ser consideradas, por um lado em relação ao desenvolvimento da criança mas, por outro, em relação também a toda vida social do homem. São elas as três virtudes fundamentais. E essas três virtudes fundamentais são: em primeiro lugar, aquilo que pode residir na vontade ligada a gratidão; em segundo lugar, aquilo que pode residir na vontade ligada ao amor; e, em terceiro lugar, aquilo que pode residir na vontade ligada ao dever. No fundo essas três virtudes são as virtudes primordiais do ser humano. Todas as outras estão de certo modo, incluídas nelas. (STEINER, 2000, p. 109).

A formação moral é tão pertinente que está presente como tema transversal no currículo escolar brasileiro, como podemos confirmar na citação que segue.

A ética como transversal no currículo escolar (permeando todas as disciplinas), conforme apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério de Educação e Cultura (1999), representa um ponto de partida positivo para a educação moral no Brasil. Considero um grande avanço que a formação seja feita não com base em uma disciplina estanque, mas permeando todas as disciplinas do currículo, tornando todos os professores responsáveis pela formação moral. (BIAGGIO, 2002, p. 87).

O problema que a pesquisa pretende trazer à tona é o papel da generosidade no desenvolvimento da moral numa escola Waldorf. O quanto as vivências artísticas, histórias, a preocupação ambiental, a convivência numa escola que promove a inclusão social de alunos com diferenças econômicas e culturais, podem influenciar no desenvolvimento da moral. Na minha experiência de escola Waldorf a generosidade teve uma presença marcante.

O meu caminho dentro da escola Waldorf foi marcado por encontros fundamentais para a minha vida profissional e pessoal. Na época, não sabia exatamente o significado desses encontros e o quanto seriam importantes para mim.

Quando cheguei à Escola Aitiara tinha 19 anos de idade, recém-saído do magistério. Não sabia desenhar e nunca havia pintado uma aquarela. Um dia antes do primeiro dia do planejamento, fui incumbido, pelo professor de artes, de preparar uma história, um conto de fadas, que depois pintaríamos. No dia seguinte, comecei a ler a história como se lesse uma notícia de jornal. Lá pelas tantas, o professor tirou o



livro de minha mão e narrou, sem o livro, uma linda história, com palavras saídas do coração.

Pintar foi outro desafio. Cor, água, pincel. Apreendi naquele dia o significado das palavras humildade e coragem. Naquele momento, deparei-me com todas as minhas fraquezas. Poderia ter desistido e ido embora. O professor formado e pronto desapareceu e outro, mais humilde e corajoso, surgiu. Eu não conhecia o professor que deu a aula e o professor Blaich era simplesmente a referência de professor Waldorf de arte no Brasil. Uma forte amizade nasceu naquele dia. A palavra de ordem desse professor era coragem: coragem para enfrentar os desafios do conhecimento e o medo paralisante do desconhecido. Outra pergunta sempre presente na fala do professor era se havíamos visto o céu daquele dia e suas belas cores. Eram as cores que ele esperava ver nos desenhos de lousa que tínhamos que fazer. Duas horas para desenhar e depois da aula cinco minutos para apagar. Pelo menos duas vezes na semana temos o desafio de desenhar na lousa. Fiz uma última visita para esse querido professor quando o câncer já havia tirado quase toda a sua vida, mas não a sua coragem; ele me disse, com voz quase inaudível, que não tinha medo da morte, porém pena por não poder colocar no mundo ideias suficientes para preencher mais uma vida. Nunca mais conheci esse tipo de generosidade, essa que vem disfarçada de exigência, mas no final só ganha quem aproveitou o momento.

No meu início de professor da Aitiara, vivi na casa de uma das fundadoras da escola. Também essa pessoa me fez professor. A minha vida escolar foi boa, mas a Língua Portuguesa era meu trauma. Quase repeti de ano, algumas vezes devido à dificuldade com a gramática e escrita. Escrevia como falava e, por ter origem “caipira”, com muito orgulho, tinha dificuldade com a norma culta. Vim saber, na prática, ser isso um problema de difícil solução para um professor. Nesse momento recebi toda a ajuda dessa minha querida amiga professora Valéria, revisora de uma quantidade infinita de textos, boletins descritivos, entre tantas outras expressões escritas. Mais de dez anos de acompanhamento sem nunca ter cobrado nada; a generosidade era tanta, mas tanta, que nunca desisti, nunca desanimei, sem ter sido exigência dela, pois generosidade nada pede em troca. Tornei-me um escritor autônomo, capaz de escrever sem medo tudo o que solicitam minhas tarefas

de professor ou solicita o meu coração simplista interiorano. Com ela aprendi sobre generosidade sustentada pelo amor.

Iniciei a minha jornada de professor sem conhecer a Pedagogia Waldorf. Tinha tido acesso a alguns livros básicos e, no mais, eram conversas com alguns professores mais experientes. Quando estava desistindo dessa tarefa árdua de ser um professor Waldorf, ainda mais sem formação, chega na minha vida a Dona Leonore Bertalot, uma das primeiras professoras Waldorf no Brasil e pioneira da formação Waldorf descentralizada de São Paulo. Com ela fiz a formação Waldorf.

Anos depois, ela me disse que eu tinha inspirado a ideia de um curso para professores que não exigisse o seu afastamento do trabalho. Por isso o curso chamou-se SEPAPA – Seminário de Pedagogia Antroposófica para Professores Atuantes. Depois desse, vieram dezenas de cursos descentralizados espalhados pelo Brasil. Quantas vezes ela assistiu minhas aulas e me orientou. Quantas conversas difíceis, porém produtivas. Quantos elogios e puxões de orelha. Difícil? Sim! Com resultados? Muitos. Se na minha vida como professor de classe já formei centenas de alunos, devo muito a Dona Leonore. Qual o preço cobrado? Ser perseverante. Tenho-a hoje como uma mãe, e sei que ela me tem na mais alta estima. Sua palavra de ordem foi sempre autoeducação: “Estude a Pedagogia Waldorf. Conheça seu aluno”. Sua generosidade tinha um preço, mas não é por isso que deva receber outro nome, pois o preço era acreditar na missão de que a sociedade só melhora pela educação.

O colegiado dos professores sempre foi generoso comigo, permitindo-me exercer sempre funções desafiadoras no grupo. No início da escola, a outra professora fundadora, a Eldbjorg, que viera da Noruega para fundar uma escola Waldorf no Brasil, não gostava muito de falar em público e por isso me solicitava que o fizesse. Dessa forma, tornei-me o orador oficial da escola, papel exercido até hoje. Aquele professor com sotaque caipira, que tropeçava na norma culta, agora falava para o grande público. Quando temos apoio do nosso grupo, do nosso colegiado, enfrentamos todos os desafios. Trabalhar dentro de um colegiado de professores com a tarefa de realizar uma gestão colegiada traz muitos desafios e aprendizagens. Conviver com opiniões diferentes das suas e nunca levar para o lado pessoal é uma tarefa possível, mas nem sempre fácil. Nesse caminho fiz muitos amigos. Alguns poucos, porém, não menos importantes, ficaram pelo caminho, nas dificuldades em

encontrar objetivos comuns e guardados com carinho nas boas lembranças. Um professor não se faz sozinho, aprendemos com cada um dos colegas. É ali que temos um leque de virtudes para observar. A polidez. A fidelidade. A prudência. A temperança. A coragem. A justiça. A compaixão. A misericórdia. A gratidão. A humildade. A simplicidade. A tolerância. A pureza. A doçura. A boa-fé. O humor. O amor. E a generosidade. Sou grato pelas atitudes generosas dos meus colegas.

No encontro com os pais talvez estejam os maiores desafios e as mais importantes aprendizagens. Quando você recebe uma criança, os pais entregam-lhe o seu maior tesouro. Admiro em especial os pais das minhas primeiras turmas, pois eu era jovem, não conhecia com profundidade a Pedagogia Waldorf e tinha uma formação acadêmica pouco expressiva. Foram os melhores anos da minha vida, pois a confiança sempre presente nos pais, a preocupação com o todo dos alunos e a generosidade a mim oferecida, fizeram de mim mais do que sou. Nunca consegui me tornar um professor presente no meu ideal, mas sempre o persegui. Ora de perto. Ora de longe. Porém, sempre o tive à minha frente, como uma forma de me manter atualizado e ligado a um ideal. Os tempos passaram e os desafios tornaram-se mais presentes. Hoje estamos num momento de mundo em que impera o individualismo e onde cada um busca mais para si e para o seu filho, deixando um pouco de lado o coletivo. Não é uma crítica, porém, constatação. É o que temos para aprender. A Pedagogia Waldorf nos ensina a trabalhar com o novo mantendo-se sempre atual. Muito eu aprendi pela generosidade recebida dos pais. Nos momentos nos quais ela não esteve presente aprendi pela sua falta. Ambas me tornaram mais generoso.

Devo falar dos alunos da Aitiara. Aí caberia um capítulo à parte – a melhor parte. Lembro-me de cada um deles. A eles dediquei o melhor de mim. Sempre busquei dar esse melhor e, nessa busca, acabei me tornando melhor. Desculpem a falta de modéstia, mas nesse caso é a verdade. Quem pode conviver com seus alunos e não melhorar? Só os arrogantes, pedantes e azedos. Os demais aprendem com as crianças, pois reconhecem nelas o caminho. O caminho para vir a ser melhor. O caminho para o conhecimento. O caminho para a verdade. O caminho.

Tive alunos que me fizeram chorar por reconhecer a minha incompetência. Outros me fizeram crescer na busca por responder às suas indagações. A maioria me faz feliz por reconhecer neles a minha superação. O discípulo supera o mestre.

Desenha melhor, toca um instrumento melhor, escreve melhor, faz cálculos melhor. Neles, o meu professor ideal atuou. Se no início a relação pedagógica entre professor e aluno é assimétrica, sendo o professor o detentor do conhecimento e o aluno aquele a quem queremos formar, no final temos como objetivo uma relação simétrica, onde professor e aluno possuam conhecimentos similares, e por vezes, com o aluno superando o mestre na sua caminhada de desenvolvimento educacional.

O caminho trilhado por todo professor Waldorf é o da autoeducação, onde o professor pode, através da busca do conhecer a si mesmo, do conhecimento acadêmico e da consciência cidadã, alcançar sua emancipação e autonomia pedagógica, e por consequência, despertar o respeito pelo outro, o respeito pelos colegas de magistério, pais de alunos e sobretudo, por nossos alunos. Agradeço pela generosidade do aluno pequeno. Pelos questionamentos do aluno crescido. E quero exaltar a generosidade de um de meus alunos, que ao final de um oitavo ano, disse ser agradecido por eu ter sido uma referência para a formação de seus valores morais. De fato, na maioria das vezes o leme da minha atuação foi a virtude da generosidade, sabendo ser essa uma virtude presente no universo infantil, muito valorizada pelas crianças. É nela que reconheço o laço que nos une.

Quanto dessas vivências podemos levar para nossos professores da educação básica que vêm sofrendo com os graves problemas relacionados ao baixo interesse dos alunos pela aprendizagem e quase sempre uma das principais causas apontadas está relacionada à violência dentro do ambiente escolar. O que muitas vezes explica o fracasso da aprendizagem, a alta evasão escolar e os maus resultados das avaliações externas.

O meu interesse em realizar uma pesquisa voltada à questão da generosidade e sua influência na formação moral do aluno é o de acreditar que muito do que se faz na escola Waldorf poderia ser levado para outras escolas e quem sabe pudesse ajudar na diminuição dos altos índices de violência encontrada em muitos ambientes escolares. “A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendendo menos em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas que trabalham e transformem o mundo” (FREIRE, 2005, p. 34)

No ano de 2016 a minha atuação como professor do primeiro ano da Escola Aitiara facilitou o acesso e a coleta de informações. No ano de 2015 deixei a minha última turma de alunos com os quais convivi do 1º até o 8º ano. Normalmente depois deste período o professor Waldorf pode escolher fazer uma pausa ou iniciar o seu trabalho com uma nova turma de alunos. No meu caso escolhi iniciar um novo grupo e com isso viabilizar a realização da presente pesquisa.

Os objetivos dessa pesquisa são:

**Objetivo geral:** Procurar identificar e analisar o papel da generosidade como componente do desenvolvimento moral nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola Waldorf.

**Objetivos Específicos:**

- Coletar dados sobre as expressões de generosidade entre os alunos e entre esses e os professores;
- Observar nas aulas e nos conteúdos apresentados aos alunos elementos que estimulem a prática da generosidade;
- Elaborar um livro, como produto final da dissertação, no qual apresentaremos atividades didáticas que demonstram o exercício da generosidade na práxis docente de uma escola Waldorf. O foco foram os anos iniciais do Ensino Fundamental, parte da Educação Básica.

O livro apresenta vivências de um professor Waldorf durante os três primeiros anos do Ensino Fundamental, por meio de desenhos, contos, poesias, além da apresentação de uma fundamentação teórica na qual a generosidade é conceituada enquanto um valor moral que pode ser desenvolvido por meio dessas atividades. O mesmo deve servir de inspiração para a prática da generosidade dentro do ambiente escolar, tendo como público-alvo todos os professores, de diferentes escolas, que trabalhem com os anos iniciais.

Como educador há mais de 28 anos na educação básica, séries iniciais, um material como o pensado, teria exercido enorme auxílio em minha prática pedagógica, pois muito do nosso tempo é despendido para a solução de conflitos.

Muitas vezes esses conflitos são resultados da falta de cuidado com o próximo e pela pouca prática da generosidade por parte dos professores ao escolher o material que utilizará para ensinar aos seus alunos. Nós professores, por vezes,



desconhecemos que a solução da causa desses conflitos pode estar no cultivo de pequenos gestos de generosidade, expressos nos materiais selecionados.

O objetivo geral do produto apresentado é que o livro contenha exemplos de momentos nos quais o professor possa, através de um processo criativo e generoso, elaborar parte do material didático utilizado em sua sala de aula. Exemplos de pequenas histórias, poemas e desenhos que fortalecem a vivência da generosidade.

Como objetivos específicos pretendemos:

- Criar condições para que o exercício da generosidade possa acontecer nos espaços escolares;
- Valorizar atitudes de generosidade e cooperação presentes no cotidiano escolar;
- Possibilitar aos professores refletir sobre sua prática pedagógica;
- Estimular gestos e atitudes de generosidade que levem ao respeito mútuo nas relações sociais;
- Valorizar exemplos, através de histórias, nas quais atitudes de respeito ao próximo fiquem evidenciadas;
- Cultivar e praticar gestos generosos no dia-a-dia da sala de aula.

O presente trabalho será estruturado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo fizemos uma retrospectiva de cunho pessoal e profissional apresentando as experiências e acontecimentos que nos levaram realizar a presente pesquisa no intuito de buscar respostas para as perguntas presentes no cotidiano escolar.

No segundo capítulo nos detivemos na apresentação da Pedagogia Waldorf, uma vez que a presente pesquisa se desenvolve numa escola Waldorf. A intenção foi o de oferecer uma explicação básica das principais especificidades da Pedagogia Waldorf.

O terceiro capítulo foi dedicado a apresentar as bases do desenvolvimento moral na perspectiva piagetiana e a fundamentar o significado da generosidade para diferentes autores e a sua importância no desenvolvimento moral das crianças.

O quarto capítulo tratou da metodologia aplicada na nossa pesquisa e apresentou os instrumentos utilizados para a coleta de dados, bem como os procedimentos éticos. Também nesse capítulo foi apresentada a maneira como se deu a elaboração do produto da pesquisa.

No quinto capítulo apresentamos os resultados e a análise dos dados da pesquisa.

No sexto capítulo nos detivemos com as nossas considerações finais, com as contribuições e possibilidades de novas pesquisas.

## 2. A PEDAGOGIA WALDORF

### 2.1. Origem na Antroposofia

A Pedagogia Waldorf foi criada por Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, que por sua vez teve sua origem na Sociedade Teosófica Alemã: “No período de 18 a 21 de outubro de 1902, em Berlim, na Alemanha, Rudolf Steiner foi eleito e empossado como Secretário Geral da Seção Alemã da Sociedade Teosófica” (BELTLE e VIERL, 2006, p. 11).

Nesta mesma ocasião, no dia 20 de outubro, teria deliberadamente utilizado o termo Antroposofia para apresentar um tema relacionado ao desenvolvimento espiritual da humanidade, como podemos constatar em suas palavras “precisei sair das sessões de Fundação, pois apresentaria, diante de um público de não teósofos, uma das palestras sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade, a cujo título eu, deliberadamente, acrescentei: Uma Antroposofia”. (BELTLE e VIERL, 2006, p. 19). Da qual se afasta 11 anos depois “Em 1913, diferenças pragmáticas resultaram em seu afastamento da Sociedade Teosófica” (CARLGREN e KLINGBORG, 2006, p. 08).

No ano de 1923, durante uma palestra, Rudolf Steiner reafirma onde surgiu o termo Antroposofia “Durante a primeira fase, portanto, a Sociedade Antroposófica, de certa forma, teve uma espécie de vida embrionária no interior da Sociedade Teosófica”. (BELTLE e VIERL, 2006, p. 20).

O que vem a ser a Antroposofia? “A Antroposofia significa ‘sabedoria do homem’. Mas não se trata apenas de antropologia; trata-se, na realidade, de uma ciência do Cosmo, tendo por centro e ponto de apoio o homem”. (LANZ, 2005, p. 16). O mesmo autor afirma:

A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência “comum”. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas descobertas. Sobretudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas e positivas – o que constitui a verdadeira pedra-de-toque de seus princípios. Assim sendo, na medicina, na farmacologia, na pedagogia, nas artes, nas ciências naturais e na agricultura ela fez contribuições de grande importância, sobre as quais existe uma abundante literatura. (LANZ, 2005, p. 16).

De acordo com essa cosmovisão o mundo e toda a existência tem um sentido. “Nada é obra do acaso! O homem, fazendo parte do Universo, também tem estrutura, e sua existência tem ‘sentido’. Ele se projeta na ‘Humanidade’. Esta palavra, em português, significa ‘qualidade do que é humano’, mas também ‘conjunto de todos os homens’. LANZ, 2016, p. 79).

O professor que desenvolve a Pedagogia Waldorf não precisa ser um antropósofo, ou seja, um estudioso da Antroposofia, mas saber que “o futuro sadio da humanidade depende do espírito de iniciativa, da fantasia criadora e do senso de responsabilidade. Com a ajuda dos mundos espirituais, podemos ter a esperança de uma ciência futura mais humana, de uma arte mais próxima do povo, de um aprofundamento da responsabilidade social”. (LANZ, 2016, p. 201).

## 2.2. A primeira Escola Waldorf

A primeira escola Waldorf foi fundada em 1919, em Stuttgart, na Alemanha. “Escola polivalente coeducativa de 12 séries – ela foi concretizada por iniciativa do empresário Emil Molt, que procurava uma instituição de ensino para as crianças da Fábrica de Cigarros Waldorf-Astoria” (CARLGREN e KLINGBORG, 2006, p. 05).

Os mesmos autores afirmam a importância da escolha do seu fundador, “Em Rudolf Steiner, encontrou a personalidade genial, que deu a esta escola a estrutura social e a base pedagógica em que as Escolas Waldorf de todo o mundo ainda se apoiam hoje” (CARLGREN e KLINGBORG, 2006, p. 05).

No dia 23 de abril de 1919, Rudolf Steiner, numa conversa com os operários da fábrica de cigarros, diz como deve ser a escola por ele imaginada, “uma escola única de 12 séries, para todas as classes sociais e para crianças de ambos os sexos, que incluísse o ensino fundamental e médio e que fosse acessível a qualquer pessoa, independente da camada social à qual pertencesse” (CARLGREN e KLINGBORG, 2006, p. 15). A atenção com as questões sociais esteve muito presente na fundação da primeira escola.

Outra preocupação dizia respeito à formação dos professores quanto ao conhecimento do ser humano dentro da visão Antroposófica. Tal preocupação pode ser comprovada pela iniciativa que antecedeu a fundação da primeira escola, um curso de formação para os professores, de 15 dias (21/08/1919 a 05/09/1919),

ministrado por Rudolf Steiner, onde foram desenvolvidas as bases da Pedagogia Waldorf. O objetivo do curso para Steiner foram os seguintes:

Com relação ao curso, cabe anunciar que ele incluirá:

1. Uma contínua discussão sobre questões pedagógicas gerais.
2. Uma discussão sobre questões metodológicas especiais dos mais importantes assuntos do ensino.
3. Uma espécie de trabalho seminarístico no âmbito de nossas tarefas docentes. Essas tarefas docentes serão trabalhadas e validadas em exercícios dissertativos. (STEINER, 2015, p.21).

No final do curso Rudolf Steiner encerra os trabalhos chamando a atenção dos professores para quatro máximas da Pedagogia Waldorf que deveriam ser guardadas em seus corações e que são a base da formação de todos os professores Waldorf até os dias atuais:

1. Em primeiro lugar, que o professor atue sobre seus alunos, no todo e também nos detalhes, pela espiritualização de seu ofício e pela maneira como pronuncia cada palavra, desenvolve cada conceito e faz viver cada sentimento. Que ele seja uma pessoa de iniciativa, nunca se tornando indolente, ou seja, estando plenamente presente em tudo o que faz na escola e em seu comportamento junto às crianças. Que o professor seja uma pessoa de iniciativa, em grande ou pequena totalidade.
2. Em segundo lugar, meus caros amigos, é que como professores devemos ter interesse por tudo o que existe no mundo e se refere ao homem. Na qualidade de docentes, devemos nos interessar por tudo o que é universal e por tudo o que é humano. Retrair-nos de algum modo, enquanto professores, de algo que possa ser interessante para o homem, seria lastimável. Devemos ter interesse pelos assuntos mais relevantes da Humanidade. Devemos ter interesse pelos assuntos mais relevantes e mais irrelevantes referentes a cada criança. Eis o segundo ponto: o professor deve ser uma pessoa interessada em toda a existência temporal e humana.
3. O terceiro é o seguinte: O professor deve ser uma pessoa que, em seu íntimo, jamais venha a compactuar com a inverdade. Ele deve ser um indivíduo profunda e intimamente verdadeiro; nunca poderá fazer concessões à inverdade, caso contrário veremos inverdades penetrando em nosso ensino por muitos canais, principalmente no método. Nosso ensino somente será uma expressão da verdade se almejarmos a verdade em nós mesmos.
4. E agora algo que é mais fácil de dizer do que pôr em prática, sendo, no entanto, também regra de ouro para a profissão de mestre: o professor não deve ressecar nem azedar. Disposição anímica vívida e arejada! Não ressecar nem azedar! Eis o que o professor deve pretender. (STEINER, 2015, p.149-150).

No dia 07 de setembro de 1919, Rudolf Steiner inaugurou a primeira escola Waldorf. Caroline von Heydebrand, que fazia parte do grupo dos primeiros professores da escola, narrou sua impressão sobre este momento:

No início da Escola Waldorf, tanto os professores quanto as crianças tinham muitas dificuldades; para as crianças era uma experiência completamente nova. Os alunos de todas as classes sociais conviviam juntos até as séries mais adiantadas. A Escola Waldorf foi a primeira escola unitária na

Alemanha que deu continuidade a este princípio até as séries mais adiantadas. Alunos do ensino médio e do ensino fundamental de nível 1 e 2 estavam reunidos em suas salas de aula; meninos e meninas estudavam juntos. As crianças não estavam acostumadas com isso. Os professores também não. Aprender a conviver não era fácil. (CARLGREN e KLINGBORG, 2014, p. 18)

No contexto contemporâneo, onde a escola é um ambiente para todas as crianças, o desafio de integrar todos nas organizações escolares e, conseqüentemente, em mais esses laços de convivência, ainda continua um desafio.

### 2.3 Caracterização da Escola Waldorf

Uma escola Waldorf completa abrange doze anos escolares, divididos em dois ciclos, o Ensino Fundamental de nove anos e o Ensino Médio de três anos. Onde a legislação permite são oito anos de Ensino Fundamental e quatro de Ensino Médio. Em geral possui ainda salas de Jardim de Infância. Não existe distinção por classe social, raça ou religião. Cada Escola Waldorf tem sua própria história e por esta razão não deveria seguir nenhum modelo pronto. Porém, existem alguns princípios que distinguem a Escola Waldorf e são seguidos por muitas delas.

Inicialmente é importante destacar dois princípios fundamentais: a escola não tem dono, ou melhor, é uma iniciativa privada e ao mesmo tempo pertence a toda comunidade representada por uma instituição jurídica em forma de associação. Sobre o tema podemos ler em Rudolf Lanz:

Embora sendo escolas privadas, elas não pertencem a ninguém. Sua característica fundamental é a autoadministração. De outro lado, a escola faz parte de uma comunidade e deve manter relações com ela e com suas instituições jurídicas e econômicas. Resulta daí uma dicotomia ou, antes, uma polaridade de funções: como instituição espiritual, a escola é dirigida, quanto a seus princípios e a seu funcionamento, por aqueles que representam o impulso espiritual, isto é, pelo corpo docente. Como instituição jurídica e em suas relações jurídico-econômicas com a sociedade, a escola precisa de um suporte que é, em geral, uma associação mantenedora -, existe um conselho formado por pais de alunos, sem atribuição jurídica mas representando uma comunidade de interesses e aspirações em relação à escola. Finalmente, a escola precisa de um órgão para a execução prática da administração. Será um secretariado ao qual competirão, entre outras funções, a tesouraria e a contabilidade. (LANZ, 2005, p. 193).

A Escola Waldorf não possui um diretor que interfira nas questões pedagógicas, mas por uma Coordenação Pedagógica, que em muitos lugares é chamada de Conferência Interna. Ela é formada por professores mais experientes e

escolhidos de maneira republicana, para atuar por um determinado período de tempo, com a função de ser “órgão de consciência e de vontade da escola. Ele deve estar a par do que acontece aí, sendo que toma as autênticas decisões. A fixação de metas, a constante autocrítica do corpo docente, a contratação e a demissão de professores, a distribuição de classes e dos cargos pedagógicos”. (LANZ, 2005, p. 196).

A Coordenação Pedagógica muitas vezes delega trabalhos para outras comissões formadas por professores (financeira, matrícula, festas pedagógicas, lanche dos professores, salários, divulgação, entre outras). Nas localidades onde a figura do Diretor é obrigatória pela legislação educacional temos um professor habilitado e escolhido pelo corpo docente para atuar nesta função. A importância do colegiado de professores dentro de uma escola Waldorf é enorme. Rudolf Lanz deixa claro a importância e responsabilidade que se espera de um professor Waldorf.

O corpo docente é mais que a soma dos professores; é a cabeça e o coração da escola. Os professores não têm apenas por função ministrar aulas e efetuar trabalhos conexos; eles devem ter consciência de que, num sentido, a escola lhes pertence (embora não juridicamente), e de que cada um deve contribuir, conforme seu tempo e suas capacidades, para o perfeito funcionamento de sua escola. (LANZ, 2005, p. 195).

Os professores das escolas Waldorf reúnem-se semanalmente numa Conferência Pedagógica “A primeira finalidade desta é proporcionar uma imagem da situação pedagógica da escola, mediante a discussão sobre classes inteiras ou sobre alunos individuais” (LANZ, 2005, p. 195).

Além de conscientizar sobre a realidade da escola, o mesmo autor ainda afirma “Por meio desta conscientização da escola, bem como de estudos em comum, atividades artísticas, palestras, e debates sobre assuntos pedagógicos, etc., a Conferência Pedagógica constitui, para o professor, o principal recurso para o aprimoramento constante de suas capacidades profissionais e para sua integração no organismo vivo que é a escola”. (LANZ, 2005, p. 195). Nestas reuniões também resolvem-se questões técnicas do cotidiano de uma escola (limpeza, recreios, festas, comemorações, etc.).

Desde o início com a primeira escola Waldorf houve uma preocupação especial na formação do professor. Constatamos que nas escolas Waldorf ocorre uma formação continuada durante todo o ano letivo nas conferências pedagógicas



semanais. Para aqueles que desejam trabalhar numa escola Waldorf existem cursos de formação destinados a este fim:

Tais cursos existem em vários países europeus (Alemanha, Suíça, Inglaterra, Suécia, etc.), nos Estados Unidos e no Brasil. Sua utilidade é evidente. Embora ninguém se torne professor Waldorf só pelo fato de ter frequentado um desses cursos, o ensino que ali se ministra constitui um preparo valiosíssimo, pois familiariza o participante com os princípios da Antroposofia, com a metodologia e didática da Pedagogia Waldorf e com os problemas inerentes à sua realização prática. Além disso, os participantes recebem um intenso treino artístico e artesanal, sendo chamados a fazer estágios e a realizar trabalhos práticos. (LANZ, 2005, p. 200).

A Pedagogia Waldorf possui como principal característica a relação professor/aluno, “Toda a pedagogia está, pois, centrada neste fenômeno arquetípico, ao mesmo tempo humano e inter-humano: a relação aluno-professor – ela é o cerne da Pedagogia Waldorf” (LANZ, 2005, p. 195). Desta maneira toda a fundamentação metodológica da Pedagogia Waldorf tem por base o estudo do ser humano de acordo com o método antroposófico. Do método é importante inicialmente saber:

O método Waldorf, como já foi dito, quer constituir um corpo vivo. Não admite dogmatismo de qualquer espécie, e os professores, como portadores de seus princípios pedagógicos, têm o direito, individual e coletivo, de inovar sob todos os aspectos – desde que, como já foi dito, a consciência humana e profissional o exija e os princípios da Antroposofia sejam respeitados. A autonomia dos professores corresponde, obviamente, um profundo respeito à criança como ser humano em formação, que veio, de certa forma, confiar a realização de seu desenvolvimento humano ao professor. Trata-se de um verdadeiro sacerdócio, sendo o professor um dos guias espirituais que conduzem o ser humano na condição de aluno à plena realização de suas faculdades. (LANZ, 2016, p. 117)

## 2.4 Metodologia da Escola Waldorf

### O estudo do ser humano

Segundo Rudolf Steiner, todo ser humano é constituído por: o corpo, alma e espírito. E explica:

Por corpo entende-se aquilo por cujo meio as coisas em redor do homem se lhe apresentam – como, no exemplo acima, as flores do prado. Por alma dever-se-á entender aquilo por cujo intermédio o homem associa as coisas ao seu próprio existir, sentindo nelas agrado e desagrado, prazer e desprazer, alegria e dor. Por espírito entende-se o que se lhe apresenta quando ele (segundo a expressão de Goethe) contempla as coisas “como um ente divino”. Nesse sentido o homem consiste em corpo, alma e espírito. (STEINER, 1988, p. 24)

E complementa:

A existência física do homem acha-se manifesta aos olhos de todos; a existência anímica o homem leva dentro de si, como seu mundo. Mas pelo espírito o mundo exterior se lhe apresenta de uma forma superior. Certo é que em seu íntimo se lhe revelam os segredos do mundo exterior. (STEINER, 1988, p. 25)

No mundo atual a concepção de ser humano passou a ser muito restrita dividindo-o em matéria e corpo de um lado e espírito e alma de outro “assim surgiram muitos saberes vinculados a cada uma dessas partes, saberes que se ocupam do corpo como a física, a química, a cosmologia, a medicina e tantos outros e saberes que dizem respeito à alma, como a psicologia, a pedagogia, a educação e, em geral, as ciências humanas. Com essa repartição perdeu-se a unidade sagrada do ser humano” (BOFF, 2002, p. 51). O mesmo autor chama atenção para a totalidade complexa do ser humano “quando dizemos ‘totalidade’ significa que nele não existem partes justapostas. Tudo nele se encontra articulado, formando um todo orgânico. Quando dizemos ‘complexa’, significa que o ser humano não é simples, mas a sinfonia de múltiplas dimensões que coexistem e se interpenetram” (BOFF, 2002, p. 52).

Rudolf Steiner chama atenção para a necessária compreensão da entidade humana por parte do educador e inicia fazendo uma diferenciação entre os reinos inorgânicos e orgânicos:

os seres orgânicos possuem, além de seu corpo mineral ou físico, um conjunto individualizado e delimitado de forças vitais, ou seja, um segundo corpo não-físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto de forças que dão ‘vida’ ao ser e impedem a matéria de seguir suas leis químicas e físicas normais. Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, chamou esse segundo corpo de ‘corpo plasmador’ ou ‘corpo de forças plasmadoras’. Por motivos cuja explicação ultrapassa o âmbito deste livro, esse corpo vital é também chamado de ‘corpo etérico’. O corpo etérico não existe, pois, nos minerais; existe, sim, nas plantas, nos animais e no homem. (LANZ, 2007, p. 19)

Na sequência é preciso compreender a diferenciação feita por Rudolf Steiner no que se refere ao reino vegetal e ao reino animal (e humano). Neste momento ele fala sobre a presença de mais um corpo que permeia o corpo visível do homem e do animal.

Esse corpo, veículo de sensações e sentimentos, pode ser chamado de ‘corpo dos sentimentos’. Rudolf Steiner deu-lhe o nome de ‘corpo astral’. Sem querer entrar aqui em detalhes sobre as razões dessa denominação, quero apenas lembrar que antigas correntes exotéricas vislumbravam uma relação entre as forças planetárias (em latim: astra), os órgãos do homem e sua vida anímica. Daí o nome ‘corpo astral’.

Estamos, pois, em presença de mais um 'corpo' que permeia o corpo visível do homem e do animal. Ambos possuem, portanto, além do corpo físico e do corpo vital (ou etérico), esse terceiro membro de sua entidade, pelo qual participam de um terceiro plano, o chamado plano astral. (LANZ, 2007, p. 24)

Por fim Rudolf Steiner apresenta o último, e mais importante elemento, da sua concepção de ser humano:

O homem possui, pois, um centro autônomo de sua personalidade, que constitui o âmago de sua essência e do qual ele tem uma experiência direta e inofismável. Ao falar desse centro ele diz 'eu', sendo esse 'eu' ou ego – a verdadeira parcela espiritual – o que o distingue do animal.

Além e acima dos três 'corpos inferiores' (físico, etérico e astral) o homem possui, um quarto elemento constitutivo de sua entidade. Ou melhor: ele é esse 'eu' (ego), ao qual os três corpos servem apenas de base ou envoltório. (LANZ, 2007, p. 28)

Para melhor compreensão Rudolf Lanz nos apresenta o seguinte resumo:

- O eu, sua verdadeira enteléquia, é o centro de seu ser. Ele é o indivíduo.
- O corpo astral recebe os impulsos e impressões dos mundos físico e superiores. Com ele o homem reage, pensa e entra em intercâmbio com a realidade.
- O corpo etérico lhe dá a vida e fornece o instrumento para o pensamento, a memória e outras faculdades.
- O corpo físico, finalmente, é a base material de sua existência atual. Ele fornece a matéria para os instrumentos que permitem ao homem participar do mundo físico. (LANZ, 2007, p. 31)

Em relação as atividades anímicas do homem, Rudolf Steiner apresenta três características:

Além da constituição quaternária do homem – caracterizada pela presença de um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral e um eu -, Rudolf Steiner tornou pública, ao redor de 1917, uma outra descoberta, que se revelaria de suma importância não apenas no campo pedagógico. Procurando analisar as várias atividades anímicas do homem, Steiner chegou à conclusão de que seu número pode ser reduzido a três: o pensar – ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória -, o sentir e o querer. Não existe atividade que não se englobe, em última análise, numa dessas três áreas. (LANZ, 2016, p. 30)

Outra ideia importante apresentada por Rudolf Steiner é a da 'trimembração do organismo humano', cuja essência pode ser resumida da seguinte forma:

O homem é plenamente consciente em seu pensar e em suas observações sensoriais. Rudolf Steiner chama esse sistema de neuro-sensorial ensinando que ele está centrado na cabeça, muito embora o corpo todo possua percepções sensoriais. O pólo oposto é constituído pelas funções completamente inconscientes do metabolismo e da vontade traduzida em movimentos (o homem tem a representação clara dos motivos e do resultado almejado de um ato de vontade; mas o 'funcionamento' e a realização do impulso volitivo lhe são completamente ocultos). Esse outro pólo constitui o sistema do metabolismo e dos membros. Ele atua em todo o corpo, mas seu centro está no abdome e nos membros.

Entre esses dois pólos, e com grau de consciência intermediário entre a lucidez completa do sistema neuro-sensorial e a inconsciência do sistema metabólico motor, acha-se o sistema circulatório (respiração, circulação) que tem por sede a parte torácica e liga, por assim dizer, os dois extremos. A esse sistema corresponde a vida sentimental e um grau de consciência equivalente ao estado de sonho. (LANZ, 2007, p. 37)

Para Rudolf Steiner o desenvolvimento humano ocorre em ciclos de sete anos “a vida humana não decorre de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente sete anos. Em cada um desses ciclos, um determinado membro da entidade humana se desenvolve de maneira mais pronunciada” (LANZ, 2016, p. 38). De forma simplificada podemos ler a seguinte explicação:

Ao nascer, o corpo físico está ‘acabado’. Existem e funcionam todos os órgãos (menos os da reprodução). Durante os sete primeiros anos, porém, o corpo etérico ainda está intimamente ligado ao corpo físico, consolidando-o, estruturando-o e dotando-o de funcionamento correto: pouco a pouco a criança se fixa na alimentação dos adultos ergue-se, aprende a mover-se no espaço e a falar; finalmente, o aparecimento da segunda dentição marca a época em que essa tarefa plasmadora do corpo etérico chega ao fim, liberando-o em parte para outras funções. Poderíamos dizer que o nascimento do corpo etérico autônomo só ocorre aproximadamente aos sete anos, na idade que a criança está pronta para entrar na escola. (LANZ, 2007, p. 80)

Dos sete aos catorze anos temos o desenvolvimento do corpo astral:

Depois da liberação do corpo etérico, cuja atuação havia predominado durante o primeiro setênio, é o corpo astral que assume uma espécie de liderança. É ele que se desenvolve dos sete aos catorze anos. Durante esse período, o eu do jovem ‘vive’ principalmente no corpo astral. Daí um desenvolvimento intenso das qualidades a ele ligadas: sentimento, fantasia, emotividade. (LANZ, 2016, p. 47)

Finalmente temos o terceiro setênio, que se estende dos catorze anos até os vinte e um, ou seja, ainda presente no ambiente escolar. Deste cabe destacar:

O terceiro setênio é o período durante o qual o eu se liberta de seus vínculos com o corpo astral e com o resto do organismo, tornando-se autônomo – desde que o desenvolvimento anterior a puberdade tenha sido normal. Essa autonomia do eu inclui o pleno desenvolvimento das faculdades mentais e morais; sem ela não pode existir liberdade da vontade (livre-arbítrio) nem plena responsabilidade moral. (LANZ, 2016, p. 57)

Rudolf Steiner propõe a sequência de setênios para toda a vida, mas para a nossa pesquisa só interessa o período que abrange a idade escolar.

Neste momento precisamos enfatizar alguns aspectos principais do segundo setênio, idade dos alunos foco da nossa pesquisa. Desta fase Rudolf Steiner afirma “Trata-se de um segundo nascimento, cuja manifestação é de que a criança se encontra amadurecida para começar a aprendizagem” (KÜGELGEN, 1984, p. 25). É

este o motivo das escolas Waldorf indicarem que a criança entre no primeiro ano escolar no ano que completam sete anos de idade. Deste mesmo autor podemos ler “Amor e respeito são os sentimentos indicados para o segundo setênio, dos sete aos catorze anos. Assim como para o primeiro setênio eram importantes as palavras mágicas ‘imitação’ e ‘exemplo’, para o setênio seguinte as palavras são ‘respeito por amor’ ou ‘autoridade amada’”. (KÜGELGEN, 1984, p. 28). Na sequência o autor afirma:

Eu disse autoridade amada porque a verdadeira autoridade não se impõe nem pode ser forçada. A criança a outorga como presente ao professor e este, por meio da autoeducação, deve procurar fazer-se credor dessa oferta. Assim como uma obra artística causa uma impressão imediata, sem necessidade de explicação, assim também a impressão imediata da autoridade amada deve suscitar imagens que sirvam para harmonizar a consciência moral, os hábitos, as inclinações e até mesmo a unilateralidade do temperamento. (KÜGELGEN, 1984, p. 28)

Sobre o comportamento dos alunos do segundo setênio o mesmo autor complementa:

No segundo setênio, dos sete aos catorze anos, não é possível eliminar o mau comportamento ou malcriação mediante explicações ou admoestações com o dedo em riste. Muito mais eficazes são os contos, as parábolas, que atuam diretamente sobre a imaginação e a fantasia sãs, pois este modo de proceder está de acordo com a própria natureza da Humanidade. Na vida real a ordem, a proibição somente chegam ao ouvido e as vezes nem a este; a parábola e o conto vivo chegam até o coração e podem contribuir muito mais para erradicação dos maus costumes. (KÜGELGEN, 1984, p. 28)

Outra característica importante da Pedagogia Waldorf é o estudo dos temperamentos. Rudolf Steiner foi um grande estudioso e recuperou tanto o estudo dos setênios, como o dos temperamentos, das ideias de Aristóteles, como podemos constatar na seguinte afirmação:

“A estruturação da vida segundo os setênios, dos quais lhes falei na última sessão, bem como a tipologia segundo os quatro temperamentos básicos, devem-se a Aristóteles. Injustamente essa sabedoria caiu em desuso, e hoje em dia é encontrado somente em provérbios do saber popular. Rudolf Steiner renovou as teorias aristotélicas na tentativa de obter o conhecimento do homem” (KÜGELGEN, 1984, p. 38).

Eis algumas características marcantes de cada temperamento segundo estudos da obra de Rudolf Steiner:

- Do temperamento sanguíneo:

A criança sanguínea pode também ser chamada de ‘aérea’. Seu corpo leve e ágil parece viver acima do chão. Ela nunca para durante muito tempo, e seus movimentos consistem em pulos; quando cai, ela não chora senão durante alguns segundos para logo voltar a alegria, que é seu estado predominante. Assim como não põe os pés firmemente sobre o chão, ela

tampouco se fixa numa ocupação. Da mesma forma, não se prende durante muito tempo a uma tarefa. É geralmente inteligente, mas carece de perseverança e concentração. Não gosta de comida pesada e tem uma predileção por alimentos azedos e picantes. Adormece facilmente e acorda com rapidez. De modo geral, sentimos nela um predomínio do elemento aéreo, isto é, dos processos de respiração e circulação. Em casos extremos, seu caráter tem uma tendência doentia para a superficialidade e para interesses fúteis. Não é pela força que o adulto consegue dominar esse temperamento. Ele tentará prender o interesse da criança sanguínea a uma ocupação ou uma pessoa por meio de uma inclinação afetiva. Se ela for tomada por um verdadeiro amor, irá fixar-se mais demoradamente no objeto de sua afeição. (LANZ, 2016, p. 70)

- Do temperamento melancólico:

O melancólico, assim como o sanguíneo, necessita de que em sua presença nos façamos partícipes do seu temperamento. Com um conto durante a aula, enriquecido por alguma observação tirada da própria vida, faremos compreender ao melancólico que o professor também já viveu e compreendeu alguma coisa do sofrimento do mundo. Particularmente ao melancólico, faz bom efeito ouvir que não é ele o único que tem que carregar um pesado destino, e assim despertamos nele a compaixão, a disposição para ajudar e a atividade compreensiva. (KÜGELGEN, 1984, p. 41)

- Do temperamento colérico:

Os coléricos, terão entre si um trato mais duro: haverá empurrões, choques, trovões e relâmpagos, e chegarão ao ponto em que se bastarão e haverá sobras. Ao despertar neles a ânsia pela paz e pelo convívio razoável, teremos obtido o que no colérico é necessário para harmonizar o seu temperamento. Por outro lado, é precisamente no meio dos coléricos onde se destilam e se põem em prática muitas das iniciativas e estímulos que serão benéficos a todo o grupo. O meio dos coléricos põe à disposição do professor enormes recursos de energias volitivas, e ele deve empenhar-se em ocupa-las em empresas acertadas. (KÜGELGEN, 1984, p. 40)

- Do temperamento fleumático:

Na criança fleumática observamos uma nítida preponderância dos processos 'viscerais', isto é, do elemento 'água'. O corpo gorducho, a sonolência quase crônica, a falta de interesse pelo que acontece ao redor, indicam que o fleumático está absorvido por seus processos metabólicos. Ele vive um sonho constante, do qual detesta ser tirado. Sua fantasia é medíocre, mas em compensação ele é muito ordeiro e perseverante. Aliás, seria errado considerar no temperamento fleumático apenas os lados negativos. A constância dos sentimentos conduz a uma bondade em relação aos colegas e a uma fidelidade fora do comum. Atrás da impassividade de sua impressão esconde-se muitas vezes uma inteligência prática considerável, e a lentidão em captar impressões e conhecimentos novos é compensada pela perseverança, pela calma e pelo espírito metódico. (LANZ, 2016, p. 73)

Até agora buscamos demonstrar os aspectos principais que caracterizam a Pedagogia Waldorf. Ainda outros aspectos poderiam ser destacados em relação ao ser humano a ser formado. Pudemos observar o quanto Rudolf Steiner preocupou-



se com a formação inicial dos professores da primeira escola Waldorf. Na escola Waldorf o professor de classe em particular, desempenha um papel determinante no cotidiano escolar, e dele é importante saber:

Toda manhã, durante oito anos, ele estuda profundamente com seus alunos as mais variadas disciplinas e situações que ocorrem na vida. Sete ou oito anos são um período longo. Os alunos passam por uma série de mudanças profundas e o professor também. Na 1ª série, ele tem a tarefa de narrar contos de fadas e tomar cuidado para que as crianças não esqueçam suas roupas e mochilas quando vão para casa; o professor de classe desempenha um papel de pai (mãe) substituto. Nos últimos anos em que é professor de classe, ele deve dominar uma longa série de disciplinas científicas tão bem que possa ensiná-las, dirigindo-se aos jovens e às jovens como uma pessoa de traquejo universal; a tarefa do professor se transforma frequentemente na de um amigo mais velho. Seus “filhos da classe” passaram da infância para a juventude. (CARLGREN e KLINGBORG, 2014, p. 90)

Após o oitavo ano escolar o professor de classe encerra o seu trabalho com o grupo, que passa a ter um tutor, “o sistema do professor de classe cessa e todas as matérias passam a ser dadas por professores especializados. Cada classe tem seu tutor, mas a figura protetora do professor de classe não existe mais”. (LANZ, 2016, p. 85). Deste tutor é importante sabermos que “é o elemento de ligação entre a classe e a escola”. (LANZ, 2016, p. 85). Entre as principais funções destacam-se “manter um contato pessoal com a classe, conhecer seus problemas e ajudar na solução de quaisquer problemas que possam surgir. Ele centralizará também as informações de todos os professores que lecionam em sua classe, e será o elemento de ligação com os pais dos alunos”. (LANZ, 2016, p. 85).

Numa escola Waldorf os alunos são distribuídos em classes que levam em conta a idade dos alunos. A esse respeito podemos ler a seguinte afirmação:

Os alunos são a meta e a razão de ser das escolas Waldorf. São considerados como individualidades e aceitos sem qualquer preconceito social, religioso, sexual, racial ou outro qualquer. Nunca formam um ‘corpo discente’ amorfo, pois a escola sente ter assumido um compromisso em relação a cada um, individualmente.

A unidade funcional é a classe em que são reunidos os alunos de uma mesma faixa etária. Essa unidade, considerada, de certa forma, cármica – tanto em relação aos alunos que a compõem como em relação aos seus professores – não é quebrada. O aluno salvo raríssimas exceções, nunca repete o ano; ele é levado, até o término de seus estudos, dentro da mesma comunidade. (LANZ, 2016, p. 98)

Nas escolas Waldorf os alunos não são avaliados por notas, “as escolas Waldorf não se baseiam em provas, testes, sabatinas e exames em que a matéria já seja preparada de forma a servir facilmente para fins estatísticos” (LANZ, 2016, p. 103). A avaliação busca ser a mais abrangente possível e que leve em consideração



as diferentes individualidades do grupo, “julgam todos os fatores que permitem avaliar a personalidade do aluno, quais sejam: o trabalho escrito, a aplicação, a forma, a fantasia, a riqueza de pensamentos, a estrutura lógica, o estilo, a ortografia e, além disso, obviamente os conhecimentos reais”. (LANZ, 2016, p. 103). Geralmente os pais recebem um boletim anual ou semestral, como avaliação do processo escolar do aluno, nos quais está registrada “a ‘biografia’ escolar do aluno durante o ano, havendo, em seguida, breves caracterizações do resultado, do comportamento e do esforço, por todos os professores que deram aulas na classe em questão”.

Outra particularidade da escola Waldorf é o ensino em épocas, nas quais o aluno faz uma imersão num determinado conteúdo por três ou quatro semanas. Durante esse período os alunos vivenciam de maneira plena determinado conteúdo. Acreditamos que desta maneira a criança possa aprofundar o seu conhecimento, sem ter que rapidamente mudar de um tema para outro, de toda maneira sempre respeitando a Matriz Curricular proposta para cada disciplina. Português e Matemática sempre acabam ocorrendo também em aulas de matéria. A organização dá-se da seguinte forma:

Ao invés de se ter uma determinada matéria distribuída pelo ano letivo, esta é lecionada de forma concentrada durante uma época: duas horas por dia, de preferência as duas primeiras, são dedicadas durante algumas semanas a essa matéria. O resto das aulas é constituído de matérias artísticas, artesanais, educação física, música, línguas estrangeiras, etc. Terminada a época, a matéria em questão desaparece do horário e é substituída por outra. Depois de uma época de história pode haver, por exemplo, uma de física, voltando-se à história depois de um ano ou meio ano. (LANZ, 2016, p. 102)

Precisamos apresentar agora um pouco sobre o currículo das escolas Waldorf. A característica principal é a sua flexibilidade, pois ele precisa expressar as questões relacionadas as particularidades sociais do local onde a escola está inserida. Mais uma vez podemos apelar para a explicação de Rudolf Lanz:

A escolha das matérias, o quando e a metodologia de seu ensino dependem, de um lado, das sugestões feitas por Steiner e das experiências acumulados durante o tempo transcorrido desde então, e, de outro, das exigências curriculares feitas pela legislação dos respectivos países. Em geral, o currículo Waldorf tem-se mostrado mais amplo e mais rico do que os currículos oficiais, cujas exigências mínimas são sempre satisfeitas, embora, às vezes, com defasagens quanto à época em que são cumpridas. (LANZ, 2016, p. 117)

E o autor afirma:

Fazer uma análise completa do currículo Waldorf seria ao mesmo tempo absurdo e impossível. Absurdo por ser contrário ao próprio princípio da nossa pedagogia, que deixa às escolas e a cada professor uma liberdade bastante ampla; impossível porque nos vários países, e de acordo com as condições locais, cada escola desenvolveu um estilo próprio. Outrossim, o mundo se transforma, e não se cogitaria de fixar de uma vez para sempre o conteúdo da história ou da química, por exemplo. (LANZ, 2016, p. 122)

O que não muda nas diferentes escolas é a importância dada ao ensino da Arte, ou melhor dizendo, como em todos os momentos as diferentes disciplinas utilizam a Arte como meio de apresentar os mais diferentes conteúdos de ensino. “Não há nenhum domínio do ensino que não possa ser enriquecido mediante atividade artística, graças à qual se aprofunda a experiência. Especialmente nos primeiros anos escolares, o professor deve aplicar exercícios artísticos básicos, das mais variadas maneiras” (KÜGELGEN, 1984, p. 62). E o autor completa dizendo que “as atividades artísticas não devem processar-se à margem dos estudos; devem constituir, pelo contrário, o próprio coração do trabalho escolar. Devem ser o laço de união entre as diversas matérias, o meio de ligação, o meio de colaboração do trabalho escolar” (KÜGELGEN, 1984, p. 63).

## 2.5 - Objetivos da Escola Waldorf

Cada escola Waldorf trabalha com os objetivos gerais da Pedagogia Waldorf e com os objetivos específicos da sua comunidade escolar. Entre os objetivos gerais da Pedagogia Waldorf devemos destacar:

Visa a formação do ser humano; quer desenvolvê-lo harmoniosamente em todos os seus aspectos: inteligência, conhecimentos, vontade, ideais sociais, etc.; quer despertar todas as qualidades e disposições inatas e estabelecer um relacionamento sadio entre o indivíduo e seu mundo ambiente - que inclui os outros homens. Mas a informação também é necessária: sem ela, nenhuma formação é possível. (LANZ, 2016, p. 94)

E o autor complementa:

Em última análise, toda educação tem a finalidade de conduzir o homem a possuir o livre-arbítrio; mas isso não significa que essa liberdade já lhe seja outorgada durante esse período de preparo. Segundo a Antroposofia, o jovem e o adolescente têm que caminhar através de estados de independência, diferentes entre si conforme a idade, para amadurecer e adquirir a capacidade do livre-arbítrio, que implica a de resistir à manipulação mental. (LANZ, 2016, p. 143)

Em relação aos objetivos podemos constatar a importância dada à liberdade de cada escola para elencar com sua comunidade os objetivos da sua tarefa pedagógica.

## 2.6 - Aitiara Escola Waldorf Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio

A Aitiara está localizada no Bairro Demétria, Zona Rural da cidade de Botucatu. Desde o início de suas atividades, no ano de 1984, a Aitiara não teve um dono, sendo mantida pela Associação Assistencial e Pedagógica Aitiara. A Escola Aitiara não tem fins lucrativos e tudo que arrecada é para sua manutenção e efetivação de seus objetivos. A escola é cercada por uma linda natureza, belas nascentes e pequenos agricultores orgânicos. Seu funcionamento é regulamentado pela legislação vigente, sendo frequente a visita dos representantes da Diretoria de Ensino – Região de Botucatu.

Um dos principais objetivos da Escola Aitiara, e um dos motivos para a minha decisão de permanecer na escola por quase trinta anos, é a integração social, onde é oferecida a possibilidade de estudos para crianças de baixo poder aquisitivo. No total a escola oferece por volta de quarenta por cento de bolsas. A ideia não é atender somente crianças carentes, mas que tal iniciativa permita que em seu espaço escolar possa haver o encontro de diferentes realidades culturais e econômicas, que represente um pouco as características da sociedade brasileira. Há bolsistas integrais (alunos de baixa renda), bolsistas parciais (classe média baixa, desempregados, entre outros) e pagantes totais.

Ainda devemos acrescentar como objetivos da Escola Aitiara a aplicação dos princípios da Pedagogia Waldorf, inspirada nas ideias criadas por seu fundador, Rudolf Steiner, e a preocupação com o Meio Ambiente, resultando em trabalhos conjuntos entre a comunidade escolar e o município de Botucatu, tanto em relação a preservação dos recursos naturais, plantio de árvores e diversos projetos voltados para a conscientização da importância de um modelo de vida sustentável.

Há muitos anos a Escola Aitiara é filiada à UNESCO, que reconhece em nossa escola a defesa dos mesmos valores com os quais trabalha, sendo os mais importantes a Educação para os Direitos Humanos e Cultura de Paz.

A Escola Aitiara, para além da Base Curricular Nacional, oferece aos alunos diversas atividades curriculares e extracurriculares complementares, tais como excursões, passeios, teatros, festas, comemorações cívicas, tudo sempre cuidado nos aspectos artísticos, valorizando sempre a cultura nacional e oferecendo, quando possível, vivências da cultura universal.

Para a efetivação dos objetivos a Escola Aitiara conta com uma gestão pedagógica colegiada, onde de maneira coletiva os professores decidem sobre os principais aspectos pedagógicos. O encontro é semanal e além das questões pedagógicas/administrativas, ocorre o estudo da Pedagogia Waldorf, base para as decisões. Há também uma Coordenação Pedagógica, escolhida pelo colegiado de professores, numa eleição aberta. Este grupo responde pelas questões maiores, tais como contratação e demissão de professores, relação dos pais com os professores (quando o próprio professor não conseguiu resolver a questão com a família), representação da escola frente à órgãos e autoridades exteriores, entre outras. As questões administrativas financeiras são cuidadas por um gestor, representante da Diretoria da Associação de Pais, que se reúne com os membros da Diretoria semanalmente para tratar os assuntos administrativos/financeiros. Há uma reunião mensal entre a Coordenação Pedagógica e a Diretoria da Associação para alinhamento das ações, cuidando sempre para que não ocorra interferência entre as atribuições das diferentes instâncias. Um relato semanal é feito no colegiado de professores sobre os processos cuidados por cada órgão escolar.

No âmbito pedagógico a Escola Aitiara conta também com uma área de Apoio Pedagógico para cuidar da inclusão dos alunos com diferentes necessidades e um profissional da Assistência Social, que busca ajudar aos mais vulneráveis no que diz respeito aos seus direitos e para que ocorra justiça no processo de distribuição de bolsas de estudo. A escola ainda possui diversos grupos de trabalhos para cuidar das mais diversas demandas: matrícula, divulgação, festas, lixo, secretaria escolar, estudo, entre outros.

A Escola Aitiara possui prédio próprio, construído principalmente com recursos oriundos de doações. Hoje temos vinte e cinco salas de aulas, secretaria escolar, administração, salas de reuniões, sala da assistente social, sala para o apoio pedagógico, refeitório com cozinha anexa, diversos banheiros, sala de leitura

(biblioteca), laboratórios, barracão para aulas práticas de Ciências da Natureza (jardinagem), cozinhas, almoxarifado, entre outras.

O horário de funcionamento da escola é no período da manhã, sendo que, a partir do quarto ano, ocorrem aulas no período da tarde também.

No dia-a-dia de nossa escola são os professores que assumem o papel principal no contato com os alunos. A Professora Jardineira e auxiliares, são responsáveis pelas crianças da Educação Infantil. No Ensino Fundamental temos o Professor de Classe, que é quem assume a turma no primeiro ano e acompanha, o mesmo grupo, idealmente, até o oitavo ano. Além de ser o responsável por acompanhar a turma, ministra a maioria das disciplinas para o seu grupo. É ele quem cuida da relação da família com a escola durante boa parte da vida escolar da criança. Existe a figura do Professor Tutor que é quem fica responsável por cuidar dos grupos de alunos do nono ano até o décimo ano escolar. É ele quem zela das relações entre os jovens, dos jovens com os Professores de Matéria e das interações com as famílias. Por último há o Professor de Matéria, que é o especialista, podendo trabalhar do primeiro ao décimo segundo ano escolar. Todos os professores são habilitados segundo as normas vigentes no país, sendo que além da formação oficial, todos devem fazer a formação Waldorf, exigência de toda escola que tem por base os princípios antroposóficos.

### 3 – O DESENVOLVIMENTO MORAL NA PERSPECTIVA PIAGETIANA E A GENEROSIDADE

No presente trabalho teremos como referencial teórico principal a obra de Jean Piaget, O Juízo Moral na Criança, de 1932, pois esta inaugura o campo de estudo da psicologia da moralidade no âmbito da Psicologia. Piaget afirma que “a criança não nasce nem boa nem má, tanto do ponto de vista intelectual, como do ponto de vista moral, mas dona de seu destino” (PIAGET, 1932/1994, p. 85). E define a moral como “um sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que os indivíduos adquirem por essas regras” (PIAGET, 1932/1994, p. 23).

Para Piaget existem relações dialéticas entre a prática e a consciência das regras. Ambos os fenômenos seguem um caminho psicogenético e se desenvolvem através de estágios.

A prática das regras segue quatro estágios: **01 – Estágio puramente motor e individual (0 a 2 anos)**, no qual prevalecem as regras motoras e não há preocupação com as regras sociais; **02 - Estágio Egocêntrico (2 a 3 – 5 a 6 anos)** – as crianças jogam para si, mesmo quando juntas, e não se preocupam com a codificação das regras; imitam os outros mas fazem uso pessoal dos exemplos recebidos; **03 - Estágio da cooperação nascente (7 a 8 – 11 anos)** – a criança procura vencer seu vizinho e aparece a necessidade de controle mútuo e unificação das regras, porém, ainda reina uma grande variação no que se refere às regras gerais do jogo; **04 - Estágio da codificação das regras (11 a 12 anos em diante)** – o código das regras é agora conhecido por todos os membros do grupo e deve ser respeitado. (PIAGET, 1932/1994).

A consciência das regras segue três estágios: **01 – durante o primeiro estágio (0 a 3 anos)** a regra ainda não é coercitiva porque é puramente motora sendo interessante, porém não obrigatória; **02 – durante o segundo estágio (3 a 4 – 9 a 10 anos)** a regra é considerada como sagrada e imutável, de origem adulta e de essência eterna, sendo que qualquer modificação é considerada uma transgressão; **03 - No terceiro estágio (11 a 12 anos em diante)** a regra é considerada como sendo uma lei imposta pelo consentimento mútuo, cujo respeito é obrigatório, se se deseja ser leal. (PIAGET, 1932/1994).

É possível notar que a consciência está sempre atrasada em relação à prática das regras. Primeiro a criança age, para depois compreender as razões de suas ações. (LEPRE, 2016, p. 23). Das regras podemos, com base nas experiências realizadas por Piaget e relatadas nesse seu livro, que elas são a base da existência do grupo através de uma consciência estruturante.

Relacionando os estágios referentes à prática e à consciência das regras, podemos definir duas tendências morais no desenvolvimento do juízo moral: a heteronomia e a autonomia. É possível perceber e definir, ainda, um momento pré-moral do desenvolvimento, que Piaget denominou de anomia.

Na **anomia** (até por volta dos 04 a 05 anos de idade) a criança não tem consciência das regras e o seu agir é direcionado para a satisfação de impulsos motores ou de suas fantasias, estando ausente a preocupação com regras coletivas e com as atividades em grupo. Apesar de Piaget não ter se aprofundado nesta fase é importante levar em consideração a seguinte contribuição “a construção de uma moralidade autônoma tem sua gênese desde o nascimento das crianças e a educação moral deve ser pensada já desde a Educação Infantil” (LEPRE, 2016, p. 24).

Na **heteronomia** (6 a 9 anos) a criança já percebe a existência de regras e aparece o interesse em participar de atividades coletivas. As regras, no entanto, são vistas pela criança como algo sagrado e imutável, dadas por uma entidade divina ou pela tradição e nunca como produto de um contrato. Piaget chama a heteronomia de “moral do dever”, pois nela as crianças obedecem as regras por dever a um adulto ou a algo superior, mas não porque têm consciência do que elas significam. A prática das regras é imitativa, ou seja, a criança obedece determinadas regras seguindo os modelos oferecidos pelos adultos ou companheiros mais velhos, porém, as adaptam segundo o seu egocentrismo.

Dessa maneira, as crianças apresentam-se como juízes rígidos e absolutos em seus julgamentos, sugerindo punições expiatórias para aqueles que cometeram alguma falta com grande prejuízo material, sem considerar a intenção dos envolvidos. Segundo Piaget (1932/94) a responsabilidade objetiva tende a diminuir com a idade para dar lugar ao surgimento de uma outra forma de julgamento: por responsabilidade subjetiva.



A **autonomia** (10 a 11 anos em diante) apresenta características opostas à heteronomia. A criança percebe a lei como algo que deriva do acordo mútuo entre as pessoas. O sujeito percebe a necessidade de regras para se viver em sociedade, mas que o respeito a elas deveria partir de seu interior; “o sujeito autônomo é aquele que, olhando para si, enxerga também o outro, ou seja, descartam-se ideais egocêntricos e triunfam leis universais” (LEPRE, 2016, p. 25). Neste momento a criança deixa de julgar pela responsabilidade objetiva e pode passar a julgar pela responsabilidade subjetiva.

A construção da moralidade autônoma exige a interação social. Piaget (1932/1994) afirma que há dois tipos de relações sociais: as de coação e as de cooperação, relacionadas a dois tipos de respeito: o unilateral e o mútuo.

Nas relações de coação, “os adultos ou companheiros mais velhos, usam de sua autoridade para impor regras às crianças, ou seja, pregam a submissão infantil e não permitem a troca de pontos de vista”. (LEPRE, 2016, p. 26). A esse tipo de respeito, Piaget deu o nome de “respeito unilateral”, este por sua vez, une-se à coação e reforça a heteronomia infantil.

De outra forma na cooperação há trocas efetivas entre adultos e crianças, prevalectimento do respeito mútuo e o diálogo. Em seu estudo Lepre chama atenção quando Piaget nos diz que seria “imoral” querer impor às crianças regras completamente elaboradas, pois, segundo esse autor, a vida social das crianças é bastante rica para que essas construam suas regras e passem a respeitá-las. Para a autora “as crianças não podem ser deixadas à sua natureza biológica; é necessário que se proporcione um ambiente onde a cooperação possa ser experimentada, a fim de que a consciência autônoma seja construída”. (LEPRE, 2016, p. 27). O caminho psicogenético do desenvolvimento moral apresentado por Piaget mostra-se fundamental para a nossa consciência a respeito da importância da vivência de cada uma das fases da prática e da consciência das regras, um caminhar da anomia, passando pela heteronomia e com um objetivo claro de se chegar na autonomia. Com o sujeito sabendo das necessidades da regra, mas, ao mesmo tempo, de maneira autônoma, escolhendo, como nos diz Piaget, a moral do bem, sedimentada na solidariedade, cooperação e com certeza na generosidade.

Para a efetivação da vivência da prática e da consciência das regras a escola passa a ser um ambiente propício “é no ambiente escolar que o sujeito irá

conviver com o âmbito público (referindo-se ao coletivo), estabelecer relações de igualdade e conviver com a diversidade” (TAVARES, 2016, p. 206). A mesma autora ainda nos oferece a seguinte afirmação a respeito das condições que a escola deve oferecer para que os educandos possam conquistar sua autonomia “não basta um projeto para a autonomia, é preciso oferecer um ambiente escolar que seja, efetivamente, propício para tal conquista” (TAVARES, 2016, p. 206). E no mesmo trabalho, sobre a apropriação da moral a autora defende que “a moralidade precisa ser objeto de apropriação racional pelos estudantes e profissionais da escola bem como é preciso se sentir valorizado para querer agir bem” (TAVARES, 2016, p. 207). Sobre a importância da escola como espaço propício para a formação dos sujeitos morais e éticos podemos ler a seguinte afirmação “destacamos o papel da escola como decisivo na formação dos sujeitos morais e éticos, ou seja, como um espaço que deve contribuir para a formação de um sujeito consciente e autônomo, capaz de tomar decisões, preservando tanto interesses individuais quanto sociais” (OLIVEIRA, CAMINHA e FREITAS, 2010, p. 268). Fica desta maneira evidenciado o espaço escolar como um dos mais apropriados para o desenvolvimento dos valores morais e éticos.

E para demonstrar a pertinência de nossa preocupação em destacar a importância da generosidade na formação moral dos nossos educandos queremos apresentar o seguinte resultado da pesquisa dos mesmos autores “Os estudos revelam que a generosidade é melhor assimilada do que a justiça e, portanto, integrada a consciência moral nessa fase de desenvolvimento” (OLIVEIRA, CAMINHA e FREITAS, 2010, p. 269). É na perspectiva da cooperação e do respeito, num ambiente em que o educando busque tornar-se um sujeito moral não por obrigação, porém, por desejo, é que buscamos respostas para nossa pesquisa. Muitos estudos analisados têm comprovado a pertinência e importância do tema e muitas respostas têm sido publicadas “A educação pode oferecer oportunidades significativa para os educandos, contribuindo na formação de sujeitos que primem por condutas cooperativas, justas e respeitadas” (OLIVEIRA, CAMINHA e FREITAS, 2010, p. 269). Com o presente trabalho pretendemos também contribuir para esse importante estudo que é o desenvolvimento moral na perspectiva piagetiana, com a vertente da generosidade.

### 3.1 - A Generosidade em Comte-Sponville e Descartes

Devemos começar o estudo sobre a generosidade nos perguntando qual o seu significado e sua importância para o desenvolvimento moral do ser humano, uma vez que foram os motivos que nos levaram a escolher tal virtude como orientadora da presente pesquisa.

Primeiramente é importante conhecermos um pouco a respeito das virtudes, uma vez que entre tantas, escolhemos a generosidade como virtude a ser estudada e o seu papel no desenvolvimento da moral. No início de seu livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, André Comte-Sponville (2009, p. 7), nos oferece um entendimento com o qual queremos trabalhar, “Se a virtude pode ser ensinada, como creio, é mais pelo exemplo do que pelos livros”. A presente afirmação é muito importante para a nossa pesquisa, uma vez que a mesma foi realizada com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde o exemplo é um recurso pedagógico de primeira ordem para todo professor, e em especial, para o professor de uma escola Waldorf, uma vez que é a base do trabalho da primeira infância e fundamento pedagógico para toda a vida escolar da criança e do jovem. Ainda a respeito da virtude o mesmo autor nos afirma “A virtude ou, antes, as virtudes (pois há várias, visto que não se poderia reduzir todas elas a uma só, nem se contentar com uma delas) são nossos valores morais, se quiserem, mas encarnados, tanto quanto quisermos, mas vívidos, mas em ato. Sempre singulares, como cada um de nós, sempre plurais, como as fraquezas que elas combatem ou corrigem” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 9).

Por termos como foco a generosidade e não as demais virtudes, buscaremos fundamentar o seu significado no estudo de autores que se dedicaram ao tema. Somente conhecendo a sua mais verdadeira essência é que poderemos fazer conhecer a importância da mesma para a nossa pesquisa. Para Comte-Sponville “a generosidade é a virtude do dom”, e continua “trata-se de agir, e não em função de determinado texto, de determinada lei, mas além de qualquer texto, além de qualquer lei, em todo caso humana, e unicamente de acordo com as exigências do amor, da moral ou da solidariedade” (2009, p.98). Conhecer o seu significado, e viver o nosso tempo presente, reforça o desejo e a obrigação de bem encaminhar o presente estudo, ainda mais quando o mesmo autor nos apresenta o porquê do seu grande valor “a generosidade só é uma virtude tão grande e tão gábia porque é

muito fraca em cada um, porque o egoísmo é mais forte sempre, porque a generosidade só brilha, na maioria das vezes, por sua ausência...”Como o coração do homem é oco e cheio de lixo” dizia Pascal. “Porque quase sempre, só está cheio de si mesmo” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 103).

Para dissolver dúvidas que ainda possam permanecer sobre a nossa compreensão a respeito da generosidade e enriquecer os nossos esforços com bases ainda mais sólidas, recorreremos a seguinte definição de Descartes na sua obra *As Paixões da Alma*:

Assim creio que a verdadeira generosidade, que faz com que um homem se estime até o mais alto grau em que pode legitimamente estimar-se, consiste apenas, em parte, no fato de conhecer que nada há que verdadeiramente lhe pertença, a não ser essa livre disposição de suas vontades, nem por que deva ser louvado ou recriminado, senão pelo seu bom ou mau uso e, em parte, no fato que sente em si próprio uma firme e constante resolução de bem usá-la, isto é, de nunca carecer de vontade para empreender e executar todas as coisas que julga serem as melhores. Isso significa seguir perfeitamente a virtude. (DESCARTES, 2012, p. 119)

Dos generosos afirma “que nada estimam como mais sublime do que fazer bem aos outros homens e desprezar o seu próprio interesse, por esse motivo são sempre perfeitamente corteses, afáveis e prestativos para com quem quer que seja” (DESCARTES, 2012, p. 121). Para o autor a generosidade é a chave de todas as virtudes, e que é possível corrigir os defeitos do nascimento através de boa formação:

...podemos exercitar em nós a paixão e, em seguida, adquirir a virtude da generosidade que, sendo como que a chave de todas as outras virtudes, é um remédio geral contra todos os desregramentos das paixões. Parece-me que essa consideração merece muito bem ser destacada. (DESCARTES, 2012, p. 125)

A generosidade é uma virtude pouco estudada em sua essência e como pudemos observar nas descrições dos autores estudados, de fundamental relevância para o desenvolvimento moral do ser humano. Ela é muitas vezes relacionada à justiça, mas o que damos através do ato generoso não necessariamente tem relação com o direito, nisto Yves de La Taille afirma “Nesse ponto, ela se diferencia da justiça, e, penso, a complementa (2006)”. E continua:

A generosidade é a virtude altruísta por excelência. Nesse ponto, ela novamente se distingue da justiça. A lei justa é boa para todos, inclusive para a pessoa que exerce a justiça. O ato de generosidade favorece quem é por ela contemplado, não quem age de forma generosa. É por ser a generosidade a inteira dedicação a outrem que digo que ela traduz plenamente o altruísmo. (LA TAILLE, 2006, p. 62)

Neste ponto é importante deixar claro que para a nossa pesquisa não temos qualquer interesse em fazer juízo de valor entre generosidade e justiça, uma vez que a nossa intenção é conhecer um pouco mais a respeito da generosidade, sendo que da justiça bastante já se sabe, e como nos afirma Yves de La Taille “sem justiça não há sociedade possível, não há ética legítima” (LA TAILLE, 2006, p.62). Para efeito de aprofundarmos o nosso conhecimento a respeito da generosidade e poder, ao mesmo tempo, dirimir dúvidas sobre sua relação com a justiça, abrimos mão de uma importante afirmação de André Comte-Sponville:

...a generosidade é mais subjetiva, mais singular, mais afetiva, mais espontânea, ao passo que a justiça, mesmo quando aplicada, guarda em si algo mais objetivo, mais universal, mais intelectual ou mais refletido. A generosidade parece dever mais ao coração ou ao temperamento; a justiça, ao espírito ou à razão (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 97).

Também se faz importante ressaltar a relação da generosidade com o livre arbítrio e a autonomia, aspectos importantes da nossa pesquisa, sobre isso nos fala André Comte-Sponville “Que virtude é mais agradável, que prazer mais virtuoso, do que desfrutar sua própria e excelente vontade? Onde encontramos grandeza de alma: ser generoso é ser livre, e é esta a única grandeza verdadeira.” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.106).

### 3.2 - Generosidade e Moral

Na busca de encontrar uma relação entre a generosidade e a formação moral, o texto de Thereza Montenegro nos pareceu muito pertinente no que diz respeito ao tema. Ao aprofundar o significado moral do ato de cuidar e relacioná-lo o com a generosidade, nos ofereceu um valioso material para a nossa pesquisa, pois fundamenta com propriedade o caráter livre do ato de ser generoso e sua diferença com a justiça e o amor. Em determinado momento ela faz uso da seguinte afirmação de Comte-Sponville:

A generosidade é mais subjetiva, mais singular, mais afetiva, mais espontânea”, ao passo que a justiça, “mesmo quando aplicada, guarda em si algo mais objetivo, mais universal, mais intelectual ou mais refletido. A generosidade parece dever mais ao coração ou ao temperamento; a justiça, ao espírito ou à razão. (MONTENEGRO, 2005, p. 90)

Nos parece que o ponto principal no que diz respeito a generosidade defendida pelo ponto de vista da autora é a sua relação com a liberdade, e com isso o seu papel fundamental na formação moral da criança, uma vez que ela dá origem

a “um sentimento de auto estima resultante do uso do livre arbítrio enquanto uso da vontade virtuosa” (MONTENEGRO, 2005, p. 90). A autora afirma que no pensamento cartesiano a generosidade é considerada a mais importante de todas as virtudes, pois, “quando pratica uma ação generosa, a pessoa está exercendo a liberdade ante seus afetos e a si mesmo, ao tornar-se senhora de suas paixões” (MONTENEGRO, 2005, p. 91). A mesma autora nos chama a atenção para o perigo em se confundir a generosidade com o amor, pois na generosidade não há interesse pessoal, o mesmo não pode-se dizer do amor, para isso ela cita uma importante diferença apontada por Comte-Sponville “revela-se pelo comando que exercemos sobre a generosidade, o mesmo não ocorre com o amor” e segue relacionando a generosidade com a razão e a consequência da falta deste para o amor “é a possibilidade do uso da razão ou a intencionalidade que direciona a ação generosa que a torna virtuosa. O que não se aplica, por exemplo ao amor, sendo esse, inclusive, um dos motivos que distanciam o amor da virtude moral” (MONTENEGRO, 2005, p. 91). Neste ponto parece importante salientar que a escolha da generosidade como caminho para a formação moral deu-se exatamente por sua relação com a liberdade e para melhor conhecermos como ela age nas diferentes fases do desenvolvimento da criança. Do amor sabemos “que só somos capazes de moral, e só sentimos essa necessidade, pelo pouco de amor, ainda que a nós mesmos, que nos foi dado, que soubemos conservar, sonhar, reencontrar...”(COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 245).

### 3.3 - Generosidade na Pedagogia Waldorf

Na Pedagogia Waldorf há uma preocupação muito grande em relação a formação moral da criança e os professores Waldorf, na sua formação, tomam contato com o estudo das virtudes. Para início da nossa apresentação é importante saber o que Rudolf Steiner escreveu a respeito das virtudes:

Há três virtudes que precisam ser consideradas, por um lado em relação ao desenvolvimento das crianças mas, por outro, em relação também a toda vida social do homem. São elas as três virtudes fundamentais. E essas três virtudes fundamentais são: em primeiro lugar, aquilo que pode residir na vontade ligada a gratidão; em segundo lugar, aquilo que pode residir na vontade ligada ao amor; e, em terceiro lugar, aquilo que pode residir na vontade ligada ao dever. No fundo, essas três virtudes são as virtudes primordiais do ser humano. Todas as outras estão, de certo modo, incluídas nelas. (STEINER, 2000, p. 107)

Para Steiner, em cada fase da vida, por ele dividida em setênios, a criança vivencia determinadas virtudes, sendo que as mais importantes têm origem no primeiro setênio, do nascimento aos sete anos, “quando ela anda segurando a mão de um adulto, essa segurança é como um símbolo do amor que une dois seres. Quando fala, ela deve praticar a honestidade: as palavras devem exprimir a verdade. Nos pensamentos deve haver coerência e clareza.” (LANZ, 2016, p. 45). Como já vimos no texto sobre a Pedagogia Waldorf, o primeiro setênio é marcado pela imitação, com a criança realizando gestos dignos de serem imitados dos adultos em sua volta, plenos de sentido, o que segundo Rudolf Steiner dá origem a gratidão. Através do desenvolvimento da gratidão a criança despertará para o amor.

No segundo setênio o respeito natural pela autoridade do professor dará origem a virtude do amor, que desde o primeiro setênio já existe como um germe, um vir a ser. Primeiramente um amor permeado por belas imagens criadas pelo professor, que desta maneira apresenta o mundo para a criança, sempre com uma linguagem plena de significado, isso até por volta dos 11 anos. Depois pelo realismo da natureza, com suas causas e efeitos. Se a gratidão pelo mundo desenvolveu-se e o amor despertou, então poderá brotar o amor pelo outro “esse amor geral pelo ser humano, que leva a uma compreensão humana, desperta justamente entre a troca dos dentes e a maturidade sexual, assim como a gratidão cresce entre o nascimento e a troca de dentes. Temos de fazer de tudo na escola para que esse amor geral pelo ser humano desperte” (STEINER, 2000, p. 118).

Depois da gratidão ser desenvolvida no primeiro setênio e do amor despertar no segundo setênio, Steiner diz que o jovem, depois da maturidade sexual, deve refletir sobre si mesmo, para desta maneira chegar ao amor por tudo que construiu “O amor pela obra, o amor pelo trabalho, o amor pelo que nós mesmos fazemos deve surgir do ser humano como algo livre, baseado em tudo o que se desenvolveu anteriormente” (STEINER, 2000, p. 122).

Apesar de não ter falado diretamente sobre generosidade, uma outra razão para nos aprofundarmos a respeito de tão sublime virtude, gostaríamos neste momento de salientar o papel do professor que conduz o processo acima descrito como um caminho para o desenvolvimento das virtudes, ao nosso ver um exemplo da prática da generosidade. Do professor que realizou a sua tarefa Steiner diz o seguinte:



...diante do que acontece, dizemos a nós mesmos: “Você foi somente um instrumento para isso”. Sem esse modo de pensar, que brota de tal constatação, não se pode na verdade ser corretamente um professor; pois temos diante de nós as mais diversas individualidades e não podemos postar-nos dentro da sala de aula com a sensação de que todos os que educamos e ensinamos precisam ser como nós. Nunca podemos ter tal sentimento.

...Toda educação é auto educação, e nós na verdade, como professores somos somente o derredor das crianças que se auto educam. Temos que constituir o ambiente mais propício para que, junto a nós, a criança se eduque tal qual deve educar-se por seu destino interior (STEINER, 2000, p. 122)

Do professor e de sua missão cultural, no que diz respeito a Pedagogia Waldorf, ainda podemos ler a seguinte afirmação em Helmut von Kügelgen:

O mestre não conduz os discípulos aproximando-os de si, mas conduz distanciando-os, de degrau a degrau, para que encontrem sua perfeita relação com seu próprio mundo, com o seu próprio destino, com o que lhes é destinado exclusivamente. Se chegar o momento em que podem prescindir dessa tutela formando sua própria vida, dirigindo o seu próprio destino, teremos alcançado a meta do que nos incumbe levar a termo. (KÜGELGEN, 1984, p. 83)

Neste ponto podemos reconhecer e entender o que nos afirma Freire quando diz que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em conjunto”. (FREIRE, 2005, p.58). A educação é um processo de contínuo crescimento do educador e educando. Pensar o contrário seria reduzir ou fazer da educação instrumento de doutrinação ou inculcação ideológica, caindo no processo de educação bancária diminuída por Freire na obra que acabamos de referenciar.

Pensamos que para encerrar seria importante ainda utilizar um pensamento de André Comte-Sponville, que une de maneira harmoniosa o que aqui apresentamos “a gratidão é dom, a gratidão é partilha, a gratidão é amor: é uma alegria que acompanha a ideia de sua causa, como diria Spinoza, quando essa causa é a generosidade do outro, ou sua coragem, ou seu amor”. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.147). Enfim, é a disposição interior que dá um sentido maior para a vida pessoal do ser humano.

## 4 – METODOLOGIA

Na nossa pesquisa escolhemos utilizar o enfoque qualitativo por ser “possível desenvolver perguntas e hipóteses antes, durante e depois da coleta e análise dos dados” (SAMPIERI, CALLADO e LUCIO, 2013, p.33). Apesar de utilizarmos em nossa pesquisa um questionário feito para conhecer a realidade dos pais dos alunos das classes pesquisadas, recurso de uma pesquisa quantitativa, a abordagem principal está centrada nos aspectos qualitativos, utilizando como técnica a observação não estruturada dos alunos e entrevistas abertas com os professores.

Outra razão para a escolha desse tipo de abordagem é por ela não interferir no cotidiano onde a pesquisa acontece. “O enfoque qualitativo avalia o desenvolvimento natural dos acontecimentos, isto é, não há manipulação nem estimulação em relação à realidade” (SAMPIERI, CALLADO e LUCIO, 2013, p.34). A possibilidade de uma visão mais ampla dos resultados, “um ponto de vista ‘novo, natural e holístico dos fenômenos, assim como flexibilidade” (SAMPIERI, CALLADO e LUCIO, 2013, p.41). A escolha também se consolidou por acontecer numa escola com crianças pequenas e pelo pesquisador fazer parte do ambiente pesquisado, o que contribuiu para que as observações não interferissem no cotidiano escolar.

### Tipo de pesquisa

A pesquisa que apresentamos é de abordagem qualitativa, ainda que apresentemos alguns exemplos quantitativos, não se preocupando com representatividades numéricas, mas com o aprofundamento da compreensão de um determinado fenômeno, a saber: a expressão da generosidade em uma escola Waldorf.

Quanto a sua natureza é uma pesquisa aplicada que pretende gerar conhecimentos para uma aplicação prática.

Em relação aos objetivos, classificamos nossa pesquisa como exploratória, buscando tornar o problema de pesquisa mais explícito e construir hipóteses.

De maneira geral, podemos dizer que a pesquisa realizada se encaixa na modalidade “do tipo etnográfico”, uma vez que:

- faz uso da observação participante;
- há interação entre pesquisador e objeto pesquisado;

- há ênfase no processo e não nos resultados finais;
- ocorre num período de tempo relativamente extenso (03 anos);
- e, por fim, flexibilidade para mudar os rumos da pesquisa.

## **Participantes**

Foram participantes da pesquisa alunos dos três primeiros anos do ensino fundamental, entre 06 a 08 anos, de ambos os sexos. Também participaram os pais dos referidos alunos (pai ou mãe), num total de 30 pais de um total de 90 alunos, configurando 30% da totalidade. Participaram, ainda, 03 professores de classe<sup>4</sup>, 01 de Língua Inglesa, 01 de música e 01 de trabalhos manuais.

## **Local**

A coleta de dados foi realizada, na sua maioria, no espaço da própria Escola Waldorf Aitiara, com exceção dos questionários aplicados aos pais que foram respondidos nas casas e devolvidos posteriormente na escola.

## **Instrumentos para a coleta de dados**

Como instrumentos para coleta de dados utilizamos: a observação dos alunos no recreio e em sala de aula, o questionário aplicado aos pais e a entrevista aplicada aos professores.

## **Observação**

A observação é uma técnica de pesquisa que permite o uso dos sentidos para a apreensão da realidade. Ela nos permitiu ver, ouvir e examinar os fatos e os fenômenos que pretendíamos investigar. A técnica nos permitiu ficar próximos com o nosso objeto de estudo. A observação foi sistemática e contou com a elaboração prévia do seguinte plano de execução:

---

<sup>4</sup> Na escola Waldorf chamamos de professor de classe o docente que atua do primeiro ao oitavo ano do Ensino Fundamental.

- Na observação buscamos coletar dados sobre as expressões de generosidade entre os alunos e entre esses e os adultos através do seguinte roteiro:

- 1- Há momentos de conversas quando alguém se mostra triste?
- 2- Há movimento individual dos alunos para auxiliar um amigo em dificuldades?
- 3- Quando é solicitado os alunos auxiliam amigos em dificuldades?
- 4- Emprestam e trocam materiais quando alguém esquece?
- 5- Dividem lanche com quem não trouxe?
- 6- Emprestam roupas quando algum colega tem frio ou ocorre uma eventualidade?
- 7- Existem regras pré-estabelecidas? O que ocorre quando são quebradas?
- 8- Quais os tipos de sanções quando regras são quebradas?
- 9- As atividades pedagógicas realizadas oferecem possibilidade da prática da generosidade?
- 10- Como as crianças cuidam do meio ambiente durante as atividades pedagógicas e nos momentos do recreio?
- 11- Quais as reações das crianças quando ouvem as histórias pedagógicas do final das aulas de época ou durante as aulas de matéria?

Foram observadas quatro aulas de 60 minutos com o professor de classe nos três anos iniciais do ensino fundamental; duas aulas de 50 minutos com os professores de matéria nos três primeiros anos do ensino fundamental (Música, Inglês e Trabalhos Manuais); dez recreios de 30 minutos, onde as três salas dividem o mesmo espaço.

## **Questionário**

O questionário configurou-se como um instrumento de coletas de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que deviam ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetivou levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário foi simples e direta, para quem fosse responder pudesse compreender com clareza o que estava sendo perguntado. O questionário que elaboramos para os pais contou com 18 questões fechadas, no qual o informante deveria escolher uma resposta entre as constantes na lista, a saber:

- 1) Você conhece o significado da palavra generosidade?  
 Sim  
 Não
- 2) Para você a generosidade é uma qualidade importante para as crianças?  
 Sim  
 Não
- 3) Você já presenciou situações nas quais seu filho(a) praticou ações de generosidade?  
 Nunca  
 Raramente  
 Às vezes  
 Muitas vezes  
 Sempre
- 4) A família senta junto para almoçar?  
 Nunca  
 Raramente  
 Às vezes  
 Muitas vezes  
 Sempre
- 5) Nas refeições a família agradece pelo alimento juntos?  
 Nunca  
 Raramente  
 Às vezes  
 Muitas vezes  
 Sempre
- 6) Com que frequência lê um livro ou conta uma história para o(a) filho(a) dormir?  
 Nunca  
 Raramente  
 Às vezes  
 Muitas vezes  
 Sempre
- 7) Antes de dormir o(a) filho(a) agradece pelo dia? (Ora, Reza, Medita, etc)  
 Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

8) Quando lhe pede alguma coisa o(a) filho(a) utiliza a palavra por favor?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

9) Ao ter um pedido atendido o(a) filho(a) agradece?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

10) O filho(a) realiza tarefas para ajudar na organização da casa?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

11) Quando o(a) filho(a) não realiza uma tarefa você discute isso com o(a) filho(a)?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

12) As regras na família são combinadas com a participação do filho(a)?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

13) O(a) seu filho(a) relata acontecimentos ocorridos na Escola?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

14) Seu filho(a) já contou alguma ação generosa realizada por amigos ou professores na escola?

Nunca

Raramente

Às vezes

Muitas vezes

Sempre

15) Quanto ao desenvolvimento de valores morais do seu filho(a) como você avalia a participação da Escola?

Muito boa

Boa

Regular

Ruim

Muito ruim

16) Na sua opinião, os professores podem contribuir para o desenvolvimento da generosidade dos seus alunos(as)?

Concordo plenamente

Concordo em partes

Discordo

Discordo em partes

Discordo plenamente

17) Você acha que participar ativamente nas atividades escolares dos filhos(as) é uma ação importante para o desenvolvimento da generosidade nas crianças?

Concordo plenamente

Concordo em partes

Discordo



( ) Discordo em partes

( ) Discordo plenamente

18) Nos dias atuais é fundamental preocupar-se com a formação moral dos alunos, além da formação intelectual?

( ) Concordo plenamente

( ) Concordo em partes

( ) Discordo

( ) Discordo em partes

( ) Discordo plenamente

## **Entrevista**

A entrevista é uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação.

A nossa entrevista teve um caráter exploratório, semiestruturada, com um roteiro para as questões, mas com liberdade para os entrevistados, no caso professores, falarem sobre os temas perguntados. O roteiro seguiu a seguinte ordem:

- 1) Na sua opinião, o que significa desenvolvimento moral?
- 2) Você acredita que trabalhe o desenvolvimento moral de seus alunos no cotidiano?
- 3) Na sua sala de aula existem regras para uma boa convivência em grupo? Como são construídas? Quais?
- 4) Quando uma regra é quebrada quais são as consequências? O que você faz? O que faz o grupo de alunos?
- 5) Na sua opinião, quais os principais valores morais que devem ser trabalhados pela escola?
- 6) O que você entende por generosidade?
- 7) Você consegue apontar uma ou mais situações em que tenha presenciado atitudes de generosidade por parte de seus alunos? Quais?
- 8) Na sua opinião como a generosidade é construída?

- 9) Na sua opinião, quais atitudes da escola mais auxiliam no desenvolvimento da moral de seus alunos?
- 10) Na sua opinião, quais atitudes da família mais auxiliam no desenvolvimento da moral de seus alunos?

### **Procedimentos éticos**

O projeto de pesquisa foi submetido a Plataforma Brasil, seguindo as normas da Resolução 466/2012 – Conselho Nacional de Saúde. Foram devidamente entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes, ficando uma cópia com os mesmos e uma com o pesquisador. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética, por meio do parecer Consubstanciado do CEP – Número 2225512.

### **Elaboração do produto**

Editamos um livro intitulado “É Bom Praticar A Generosidade – Um exemplo de seu emprego no processo criativo do professor” com orientações para trabalhar o desenvolvimento moral das crianças por meio da generosidade com base nos resultados da pesquisa. 1ª edição 2018. ISBN 978-85-5444-005-3. Realização Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências. Programa de Mestrado: Docência para Educação Básica – UNESP/Bauru-SP. Orientação Profª Drª Rita Melissa Lepre. Autores Silvio Vieira de Miranda e Rita Melissa Lepre.

O livro apresenta minhas vivências como professor Waldorf durante os três primeiros anos do Ensino Fundamental, por meio de desenhos, contos, poesias, além da apresentação de uma fundamentação teórica por parte da minha orientadora, na qual a generosidade é conceituada enquanto um valor moral que pode ser desenvolvido por meio dessas atividades. O mesmo deve servir de inspiração para a prática da generosidade dentro do ambiente escolar, tendo como público-alvo todos os professores, de diferentes escolas, que trabalhem com os anos iniciais.

O objetivo geral do produto apresentado é disponibilizar exemplos de momentos nos quais o professor possa, através de um processo criativo e generoso, elaborar parte do material didático utilizado em sua sala de aula. São pequenas

histórias, poemas e desenhos que fortalecem a vivência da generosidade. Como objetivos específicos pretendemos:

- Criar condições para que o exercício da generosidade possa acontecer nos espaços escolares;
- Valorizar atitudes de generosidade e cooperação presentes no cotidiano escolar;
- Possibilitar aos professores refletir sobre sua prática pedagógica;
- Estimular gestos e atitudes de generosidade que levem ao respeito mútuo nas relações sociais;
- Valorizar exemplos, através de histórias, nas quais atitudes de respeito ao próximo fiquem evidenciadas;
- Cultivar e praticar gestos generosos no dia-a-dia da sala de aula.

## 5 – RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A apresentação dos resultados e análises dos dados da pesquisa serão realizados da seguinte forma:

- 1) Resultados e análises das observações fora e dentro da sala de aula;
- 2) Resultados e análises dos questionários;
- 3) Resultados e análises das entrevistas.

### 5.1 – Observações

A apresentação dos resultados das observações, assim como suas análises, foi subdividida em dois momentos: observação fora da sala de aula (recreios) e observação dentro da sala de aula.

#### 5.1.1. Observação dos recreios onde situações de generosidade ocorreram nas três turmas dos anos iniciais do ensino fundamental (1º, 2º e 3º)

Os alunos foram observados durante dez dias nos momentos dos recreios, com duração de trinta minutos cada observação, onde foram observadas diversas situações nas quais as crianças demonstraram preocupação com os colegas.

Entre os episódios mais frequentes podemos destacar:

Episódio 1) Alguns alunos emprestaram roupas de frio para colegas sem blusas;

Episódio 2) Alunos maiores cuidando dos menores e brincando juntos;

Episódio 3) Alunos que ajudaram amigos após quedas nas brincadeiras;

Episódio 4) Alunos preocupados em brincar com colegas que estavam isolados;

Episódio 5) Alunos que ajudaram os colegas amarrarem os calçados.

Todas as ações apontadas confirmam a presença de atitudes generosas no universo das crianças. Essas atitudes parecem existir de maneira espontânea nas relações sociais infantis, confirmando o que nos apresenta a pesquisa intitulada Generosidade Versus Interesse Próprio: Juízos Morais de Crianças e Adolescentes, na qual podemos encontrar a seguinte afirmação “De posse dos resultados encontrados em nosso estudo podemos afirmar que a generosidade faz parte do universo moral infantil e adolescente. A alta porcentagem de participantes de 7 anos

que optam por essa virtude em detrimento da satisfação do próprio interesse demonstra que a ação generosa é valorizada pela criança pequena”. (VALE e ALENCAR, 2008, p. 430).

Também pudemos observar que os episódios ocorreram sem a influência dos adultos, caracterizando iniciativas autônomas de simpatia por parte dos alunos. “Os atos de generosidade inspirados pela simpatia, todavia, são espontâneos e, de acordo com La Taille (2006b), favorecem uma compreensão mais autônoma do valor dessa virtude”. (VALE e ALENCAR, 2008, p. 425)

As observações comprovaram que atitudes de generosidade estão presentes no universo infantil. Várias foram as situações de generosidade observadas em diferentes situações. Por tratarem-se de gestos espontâneos confirmam serem atos de generosidade, pois “trata-se de agir, e não em função de determinado texto, de determinada lei, mas além de qualquer texto, além de qualquer lei, em todo caso humana, e unicamente de acordo com as exigências do amor, da moral ou da solidariedade” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.98).

5.1.2 - Observação das aulas de época e de matéria onde situações de generosidade ocorreram dentro das salas de aulas nas três turmas dos anos iniciais do ensino fundamental (1º, 2º e 3º)

Cada turma de alunos foi observada em duas aulas de época (4 horas) e seis aulas de matéria, totalizando 10 horas de observação por turma.

Entre as principais atitudes de generosidade observadas destacaram-se os seguintes episódios:

Episódio 1) Divisão do próprio lanche com os amigos que não tinham;

Episódio 2) Empréstimo de material para os colegas que não tinham;

Episódio 3) Várias crianças pediram para os professores para ajudar aos amigos que estavam atrasados com a matéria;

Episódio 4) Muitas foram as situações de ajuda mútua entre as crianças durante as aulas de Trabalhos Manuais;

Episódio 5) Tocar espontaneamente música para os colegas da classe;

Episódio 6) A preocupação com o sofrimento dos colegas em diferentes situações.

Entre as ações de generosidade observadas chamou a atenção o fato de todos os alunos espontaneamente dividirem o seu lanche com alunos que haviam

esquecido o seu em casa. O mesmo ocorrendo em relação ao compartilhamento do material escolar com os que esqueceram. Também foi comum uma preocupação sempre presente nas crianças em ajudar ao colega atrasado, o que reafirma a relação das crianças com a generosidade, pois nessas situações a ajuda não significava qualquer tipo de recompensa.

Nas situações observadas ficou evidenciada a alegria das crianças em partilhar seus alimentos, material, tempo, sempre com alegria “a generosidade é desejo de amor, desejo de alegria, e de partilha, e a própria alegria, pois o generoso se regozija com esse desejo e ama pelo menos nele esse amor”. (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 112).

As observações dentro da sala de aula constataram que muitas atividades pedagógicas presentes no currículo Waldorf propiciaram a prática da generosidade, permitindo confirmar ser o ato generoso presente no universo infantil, “de posse dos resultados encontrados em nosso estudo podemos afirmar que a generosidade faz parte do universo moral infantil e adolescente” (VALE e ALENCAR, 2008, p. 430), indicando uma resposta às nossas perguntas se as atividades curriculares de uma escola Waldorf promovem a prática da generosidade.

As ações espontâneas de generosidade observadas demonstram que as regras foram incorporadas na perspectiva da formação do sujeito moral, “ninguém se forma sujeito moral por obrigação, mas sim por desejo, por reconhecer em determinada regra um significado moral” (OLIVEIRA, CAMINHA, FREITAS, 2010, p. 269).

As observações feitas no cotidiano dos alunos demonstraram haver diversas atividades que promovem a interação social e a possibilidade do cuidado com o outro por livre desejo “um ambiente onde as crianças possam se expressar livremente, sem coerções e possam decidir e opinar, será mais promissor para a solidariedade” (TOGNETTA e ASSIS, 2006, p. 63).

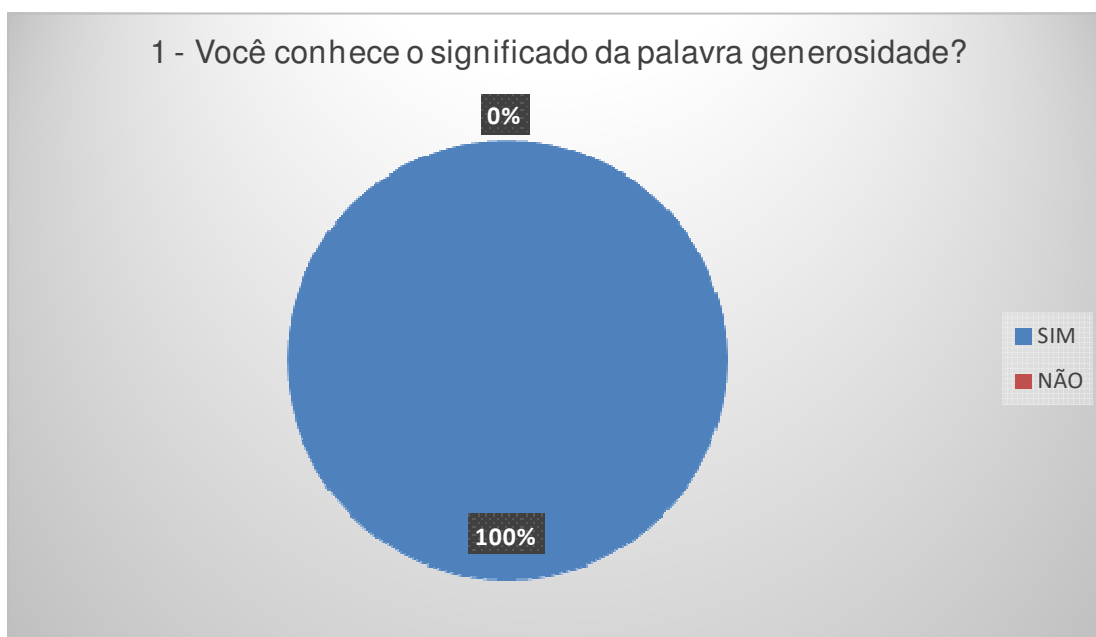
### 5.1.3 - Análise dos questionários respondidos pelos pais dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental (1º, 2º e 3º), numa amostragem de 30% do total

A pesquisa aconteceu com 10 responsáveis pelos filhos de cada classe. No início de cada questionário os pais responderam perguntas relativas a dados sociais. Os dados colhidos demonstraram que 83% dos responsáveis tinham religião. Que

73% dos questionários foram respondidos por mulheres. Que 87% tem escolaridade em nível superior e 13% ensino médio. Dos que responderam todos tinham mais de 30 anos de idade.

O questionário teve início perguntando aos pais se conheciam o significado da palavra generosidade e se a reconhecem como algo importante para as crianças, 100% dos pais afirmaram conhecer o seu significado (gráfico 1) e sua importância para os seus filhos (gráfico 2).

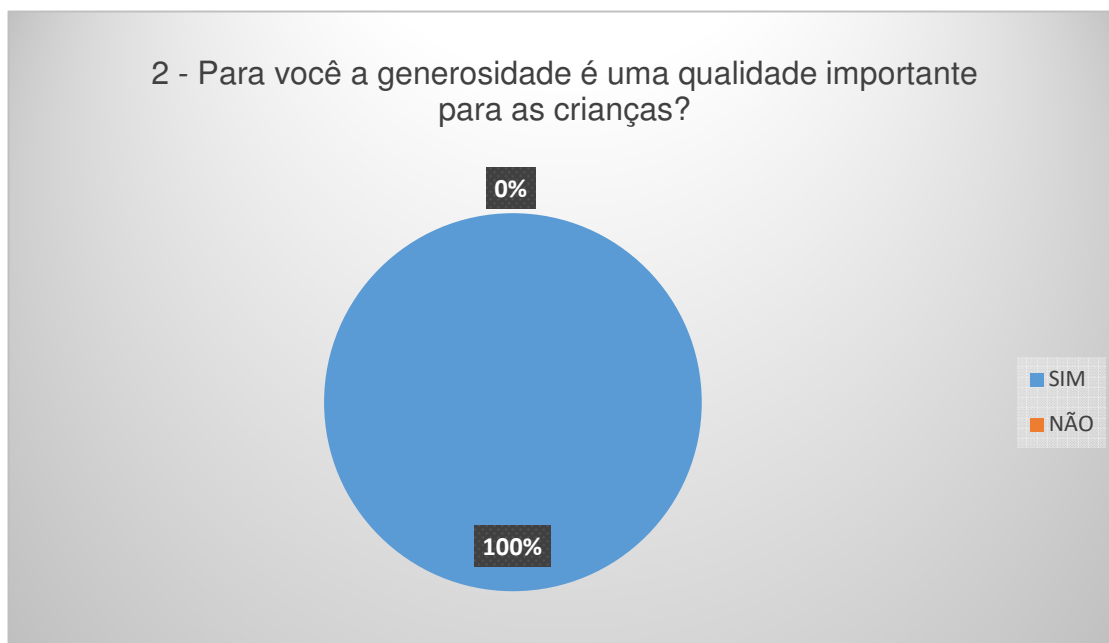
Gráfico 1- Primeiro Gráfico



Fonte: o próprio autor



Gráfico 2- Segundo Gráfico

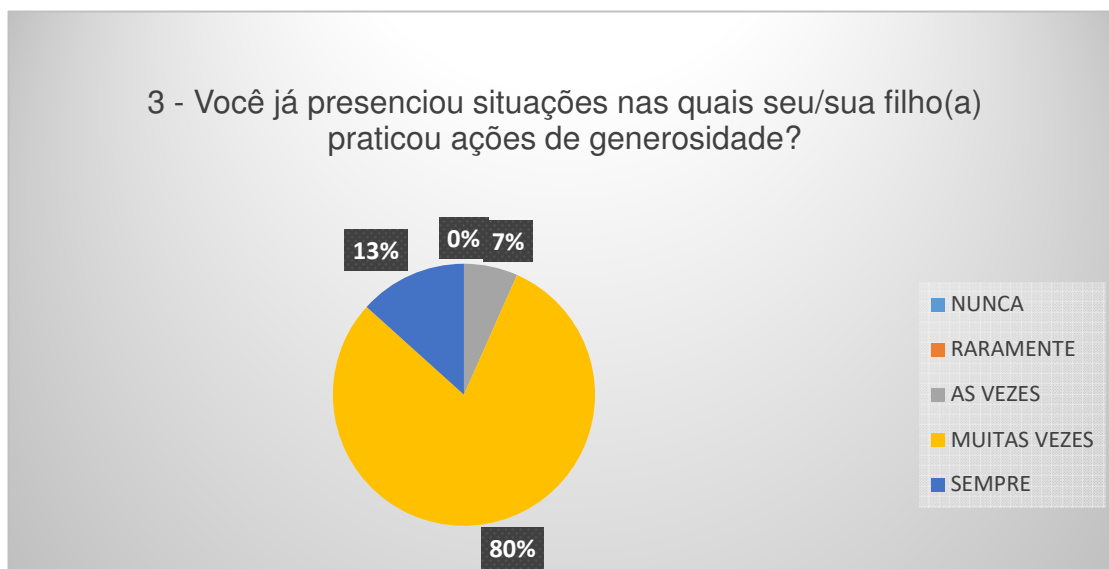


**Fonte:** o próprio autor

O fato da totalidade dos responsáveis que preencheram os questionários afirmarem conhecer o significado da palavra generosidade nos leva a crer ser um dado altamente significativo para a sua prática na família e na escola, uma vez que “dar ao outro o que lhe falta e não, necessariamente, o que lhe é de direito é o caráter magnânimo da virtude da generosidade” (TOGNETTA e ASSIS, 2006, p. 54).

A maioria significativa dos que responderam o questionário afirmou ter presenciado ações generosas de seus filhos, assinalou muitas vezes 80%, sempre 13% e as vezes 7%, demonstrando estar a generosidade presente no universo da criança no ambiente familiar (Gráfico 3).

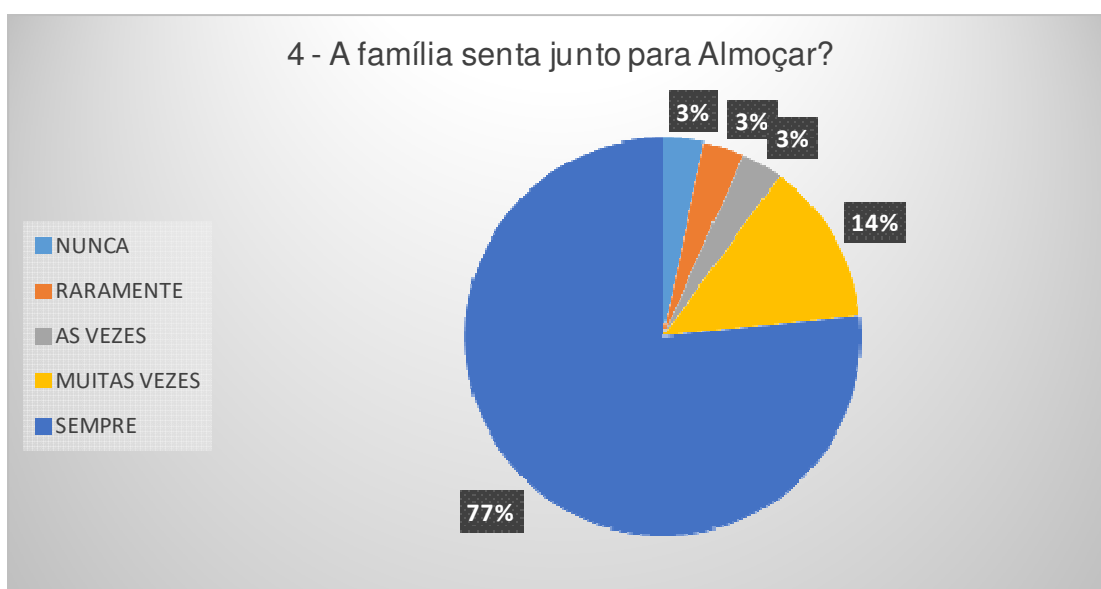
Gráfico 3- Terceiro Gráfico



**Fonte:** o próprio autor

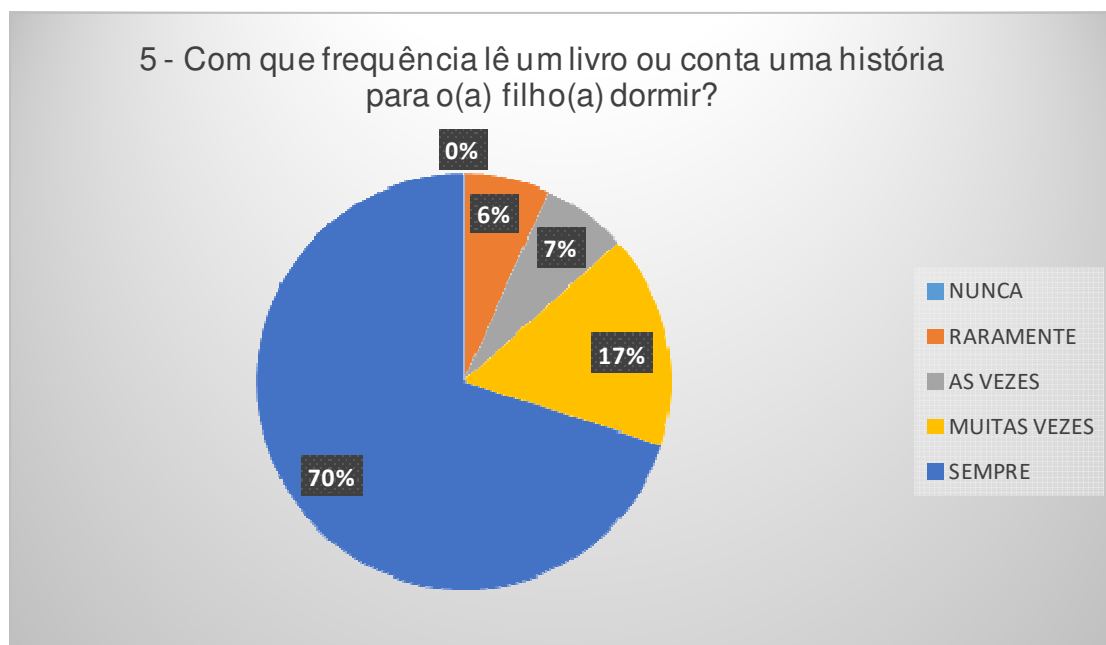
A maioria das famílias reúne-se à mesa nas refeições, 77% dizem que fazem isso sempre (gráfico 4) e outro dado é que 70% dos responsáveis afirmam ler para os filhos antes deles dormirem (gráfico 5).

Gráfico 4- Quarto Gráfico



**Fonte:** o próprio autor

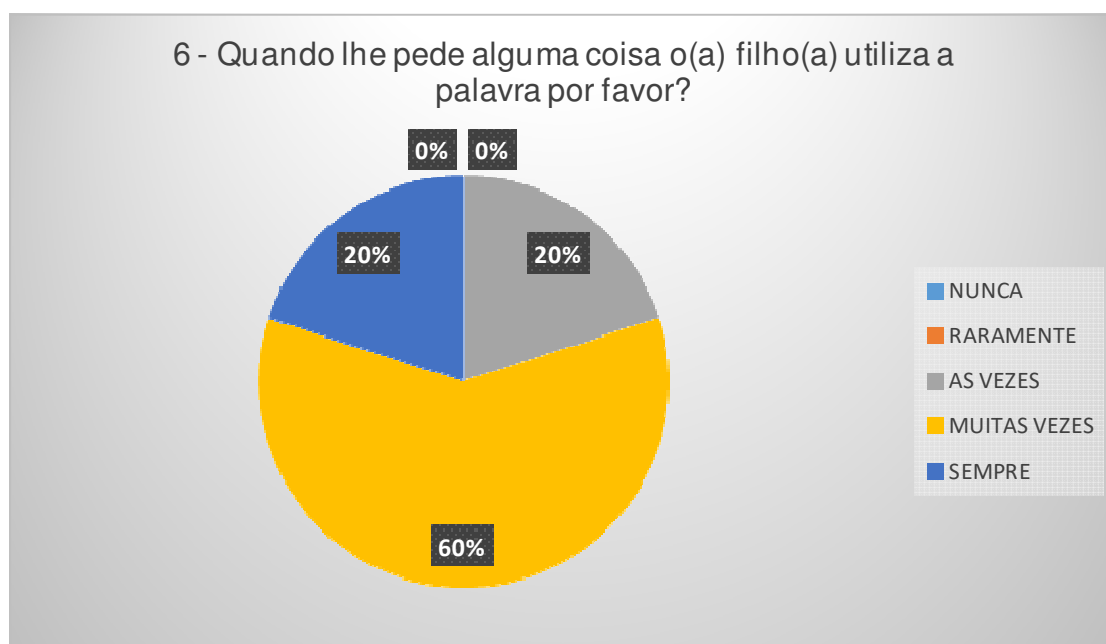
Gráfico 5- Quinto Gráfico



Fonte: o próprio autor

Em relação a utilização das palavras por favor e obrigado, mais de 80% dos responsáveis afirmaram que os filhos empregam essas palavras no cotidiano da casa sempre e muitas vezes (Gráfico 6).

Gráfico 6- Sexto Gráfico

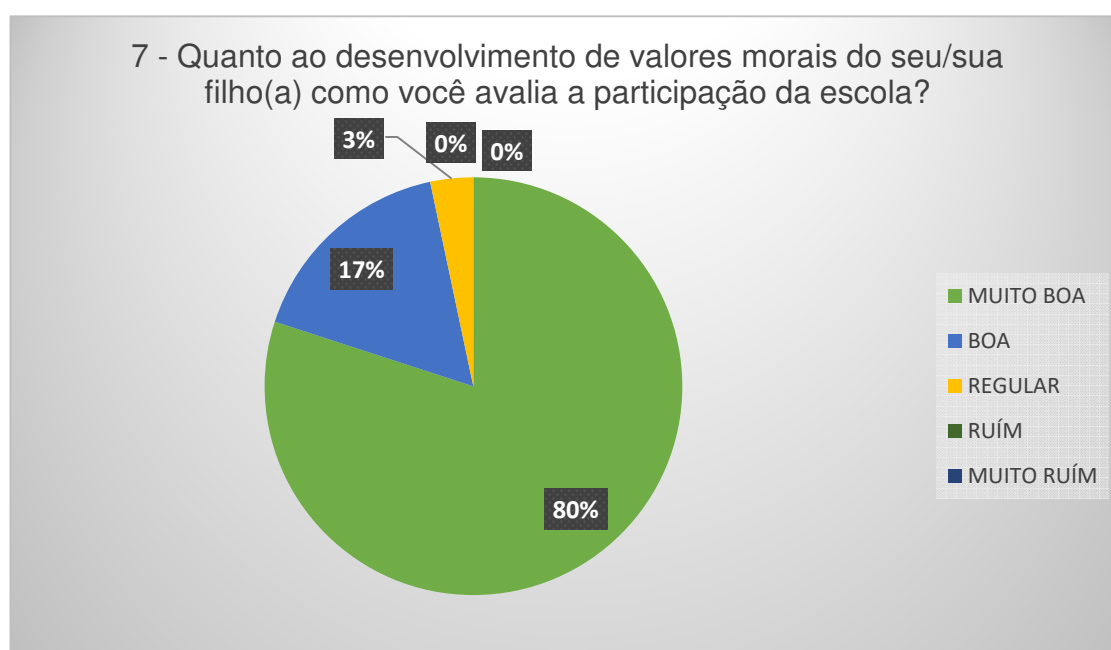


Fonte: o próprio autor

Essas primeiras respostas afirmando ser a generosidade uma qualidade para as crianças, que há tempo dedicado para o encontro familiar e em especial para os filhos, nos permite acreditar ter a generosidade um início de desenvolvimento dentro do seio da família “um dos fatores que leva uma criança pequena a desenvolver-se moralmente é sua capacidade e motivação em corresponder às expectativas singulares das pessoas em seu entorno. Eis exatamente o que se faz nos atos generosos”. (LA TAILLE, 2006, p. 14).

Em relação ao desenvolvimento moral dos filhos a participação da escola foi avaliada como muito boa por 80% dos responsáveis (Gráfico 7).

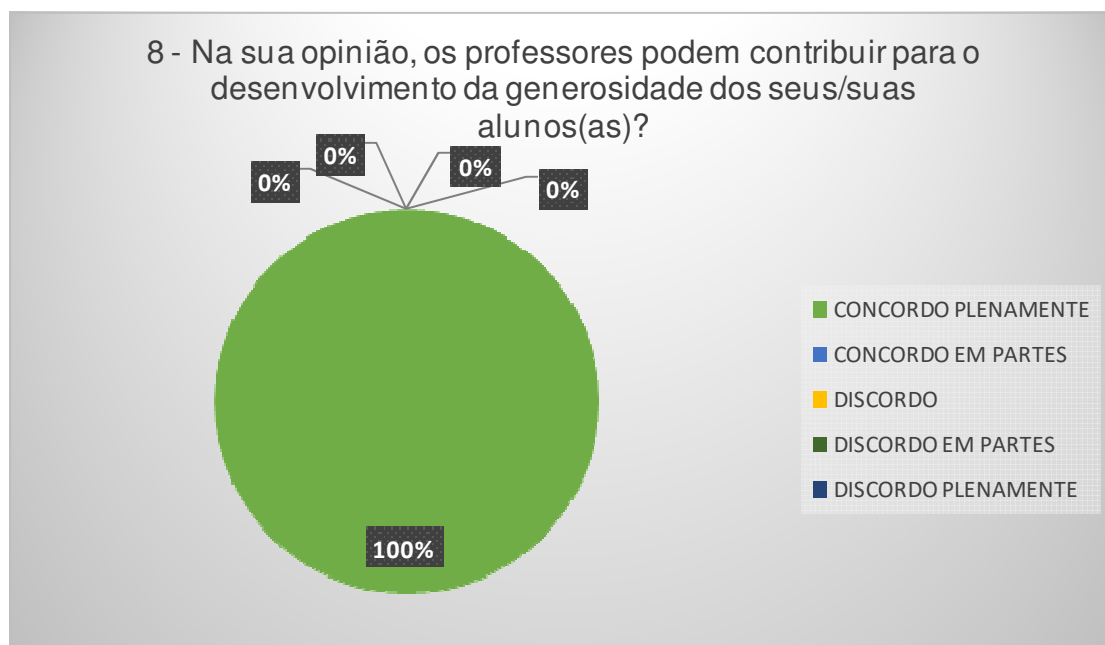
Gráfico 7- Sétimo Gráfico



Fonte: o próprio autor

Em relação ao professor ser elemento fundamental no desenvolvimento da generosidade dos seus filhos 100% dos pais afirmaram que sim (Gráfico 8).

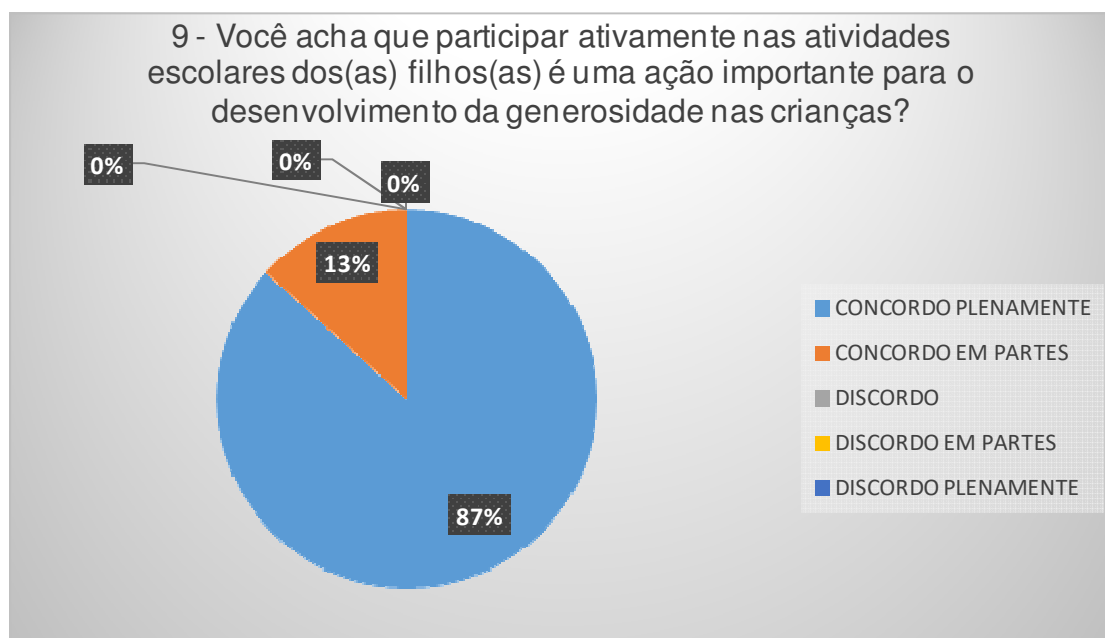
Gráfico 8- Oitavo Gráfico



Fonte: o próprio autor

Para 87% dos responsáveis participar nas atividades escolares influencia no desenvolvimento da generosidade nas crianças (Gráfico 9).

Gráfico 9- Nono Gráfico



Fonte: o próprio autor

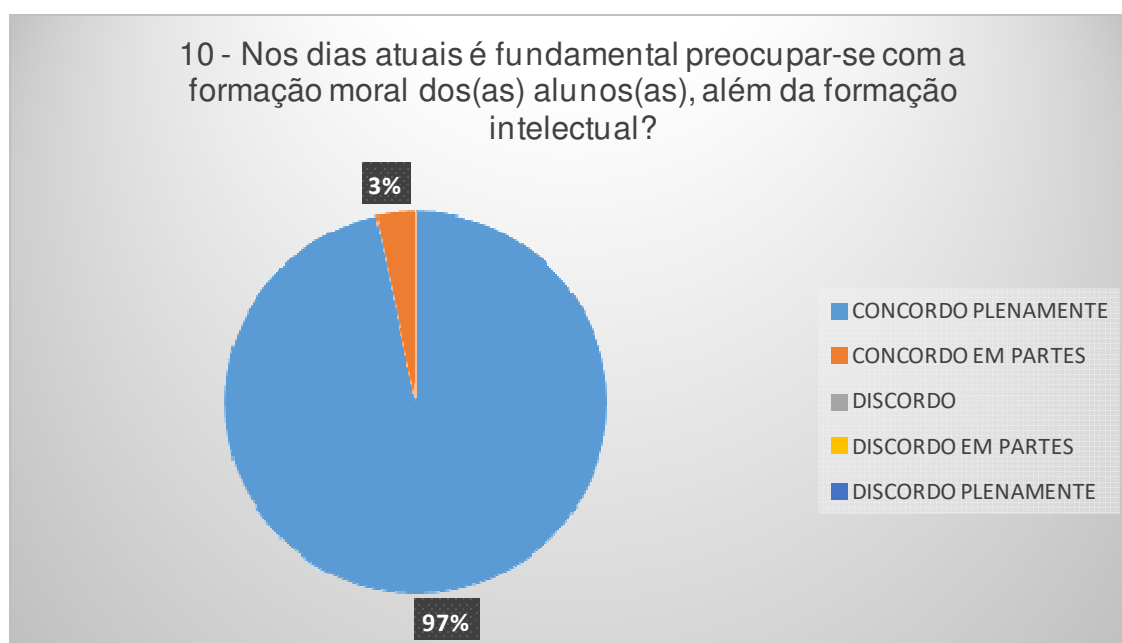
Na opinião dos pais a escola participa do desenvolvimento moral dos filhos “A escola tem, historicamente, papel primordial para a reprodução e sedimentação de um modelo social, ela, mesmo não sendo a responsável principal, e muito menos

única, para a formação ética, tem uma função importante nesse sentido, em conjunto com a família e a sociedade como um todo”. (PRADEL e DAU, 2009, p. 545).

Em relação ao professor fica evidenciada a expectativa dos pais, justificando a atenção que deve ser dada a sua formação “O professor será bem inspirado se, em primeiro lugar, procurar a causa de muitas imperfeições e fracassos do seu ensino dentro de si próprio. Raros são os pedagogos natos; mas muito pode ser realizado por qualquer pessoa que trabalhe constantemente em si para transformar-se num pedagogo” (LANZ, 2016, pp. 88).

Praticamente a totalidade dos responsáveis 97% acreditam ser importante uma formação moral além da formação intelectual (Gráfico 10).

Gráfico 10- Décimo Gráfico



Fonte: o próprio autor

As respostas afirmam que no momento atual é imprescindível uma formação escolar que leve em conta não somente aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual, mas também prestigie o desenvolvimento moral dos educandos “Através desse trabalho confirmamos mais uma vez que o desenvolvimento cognitivo é condição fundamental ao desenvolvimento moral e vice-versa”. (GLASER e FAVRE, 2008, p. 13). Além de condição, no âmbito da nossa pesquisa afirmou-se como um desejo dos pais. Hoje nos meios educacionais há consenso de uma visão ampliada dos conteúdos curriculares a serem trabalhados nas escolas. Os PCNs estruturam os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

#### 5.1.4 - Entrevistas com os professores

Em relação ao desenvolvimento moral a maioria dos professores entrevistados diz que está relacionado aos valores éticos, como o respeito, a distinção entre o certo e o errado, utilizar palavras como por favor, obrigado. “Está relacionado com o desenvolvimento de valores que vão tocar nas questões éticas. Ele vai afirmar e reafirmar alguns valores que a família já começou a estimular na criança” (PC3 ANOS INICIAIS).

Outro ponto bastante comum é a visão de que o exemplo do adulto é primordial para o início do desenvolvimento moral, sendo a família a primeira responsável “Cabe lembrar que num primeiro momento do desenvolvimento moral, é preciso que a criança tenha contato com as regras, que ela as receba do exterior, mas que elas venham explicadas e seu princípio esclarecido” (LEPRE, 1999, p. 66). A coerência entre o que se pratica e o que se acredita também foi citado: “A moralidade é, por natureza, social, e o desenvolvimento de sujeitos morais nunca pode ser atingido sem o desenvolvimento de uma sociedade moral”. (BIAGGIO, 1997, p. 52)

Todos os professores entrevistados acreditam que trabalham o desenvolvimento moral no cotidiano da sala de aula. Para os professores é no convívio social que desenvolvemos a moral dentro do cotidiano escolar.

Considerando e cuidando sempre que eles se respeitem, respeitem os outros. Cuidar do outro. Ao ocorrerem ‘tombadas’ entre dois alunos pode gerar uma amizade entre eles depois. Se a gente cuida trabalhamos a moral. Devemos sempre ajudá-los a manter a coerência entre o que as crianças dizem, já que é natural que elas fantasiem e as fantasias por si não são ruins, mas temos que ajudar que elas correspondam a verdade. Podemos pensar em exemplos práticos, tais como emprestar coisas, dar coisas, fazer coisas pelos outros, ouvir o outro. (PC1 ANOS INICIAIS)

A escola é reconhecidamente o lugar onde o sujeito moral pode se desenvolver “destacamos o papel da escola como agente decisivo na formação de sujeitos morais e éticos” (OLIVEIRA, CAMINHA e FREITAS, 2010, p. 268). Receber o aluno na porta da sala e cumprimentá-lo olhando no olho, falando um poema de forma respeitosa, cuidando do amigo, foram outros exemplos citados.

Vários professores responderam que o desenvolvimento do próprio conteúdo trabalhado permite a todo momento trabalhar o desenvolvimento moral dos alunos “cada vez que falo os poemas penso o quanto as mãos são importantes para o



desenvolvimento do ser humano, para a história da humanidade” (PROFESSORA DE TRABALHOS MANUAIS ANOS INICIAIS).

A maioria afirmou ser a regra fruto dos hábitos trabalhados desde o primeiro ano escolar. Muitos professores dizem utilizar histórias e imagens para introduzir uma regra. As principais são quando um fala o outro escuta, cada um espera sua vez para ser atendido pelo professor, levantar a mão para poder falar. A maioria das regras tem relação com a disciplina ministrada “como a disciplina que dou é a música, a principal regra é respeitar o silêncio, saber ouvir o silêncio” (PROFESSORA DE MÚSICA ANOS INICIAIS). “Por si só, o indivíduo não é capaz dessa tomada de consciência e também não estabelece normas sem um parâmetro. Estas se darão, com segurança, na convivência entre os indivíduos, na discussão que fazem da validade das normas existentes, do que levam em conta para estabelecer novas regras”. (LIMA, 2004, p. 15).

Para a maioria dos professores a principal consequência para a desobediência de uma regra é uma boa conversa e uma punição que tenha relação com o ocorrido “se começou a falar de qualquer jeito ou gritou, atrapalhou alguém em sua fala, ele ficará um tempo sem falar” (PC3 ANOS INICIAIS). Outro exemplo:

Se o aluno sai para brincar e bate no colega, ele quebrou a regra, pois isso não cabe na hora do recreio, e ele já sabe nessa idade, então a regra foi quebrada e ele trocou a hora do recreio, a hora de brincar, agora ele precisa se acalmar, sair do convívio dos colegas, para nesse momento se perceber e perceber de novo o combinado... ele irá escrever uma cartinha de desculpas. Fazer um desenho. (PC2 ANOS INICIAIS)

Muitos afirmaram não deixar sair para o recreio quem não fez a lição e que o aluno e o grupo acham justo trabalharem no recreio, quem não trabalhou em casa “É necessário numa primeira etapa de introjeção de certo e errado, bom e mau, possível e impossível, já que a criança precisa entender que no cotidiano, por vivermos em grupo, devemos nos guiar pelo princípio da realidade e não pelo princípio do prazer”. (LEPRE, 1999, p. 66). Para os alunos dos primeiros anos escolares são utilizadas histórias pedagógicas como recurso para explicar determinadas quebras de regras.

O respeito é o valor moral mais citado como fundamental para se trabalhar na escola. Depois foram citados a verdade, o amor, a justiça, a generosidade, a fraternidade, a humildade, a empatia, a beleza.

Acredito que a educação moral se faz pela ação orientada por alguns princípios fundamentais, tais como a justiça, a dignidade, a solidariedade,

iluminados pelo respeito mútuo entre as pessoas e que pode ter um alcance cada vez maior. Nessa educação moral não há lugar para certezas, mas as dúvidas podem ser sempre discutidas. E é essa discussão o método de educação moral. (MENIN, 2002, p.99).

Também a beleza do ambiente foi citada como valor moral, “Pensando numa escola Waldorf precisamos cuidar da beleza como valor moral, cultivar a beleza dos atos, das palavras, dos desenhos e da natureza” (PC1 ANOS INICIAIS).

Cada professor expressou de maneira particular a sua compreensão da generosidade, mas todos referindo-se na sua relação direta com a preocupação com o outro “você não precisa aparentemente disso, não precisaria se envolver, mas quando você sai do seu espaço e vai na direção do outro com a intenção de ajudar, é assim que eu entendo a generosidade” (PROFESSORA DE TRABALHOS MANUAIS ANOS INICIAIS), “ela talvez tenha por trás a ideia de doação, de você poder dar ou fazer algo pelo outro, mas sem nunca esperar algo em troca” (PC1 ANOS INICIAIS), “quando você é generoso é porque você consegue colocar-se no lugar do outro, então generosidade é você estar feliz pelo que faz pelo outro como você faz por você mesmo” (PC2 ANOS INICIAIS), “a generosidade eu vejo pelo óculos da fraternidade, da solidariedade, da ajuda que meu amigo precisa” (PC3 ANOS INICIAIS), “é quando você deixa de pensar em si e começa a pensar no seu próximo” (PROFESSORA DE INGLÊS ANOS INICIAIS), e “é você oferecer em abundância seja o que você oferece” (PROFESSORA DE MÚSICA ANOS INICIAIS). Todas as contribuições dos professores sobre a generosidade estão alinhadas na seguinte afirmação de La Taille “Ela consiste em dar a outrem o que lhe falta, sendo que essa falta não corresponde a um direito. Nesse ponto, ela se diferencia da justiça, e, penso, a complementa”. (LA TAILLE, 2006, p.62). E em Sponville “O homem generoso não é prisioneiro de seus afetos, nem de si; ao contrário, é senhor de si e, por isso, não tem desculpas nem as procura. A vontade lhe basta. A virtude lhe basta”. (SPONVILLE, 2000, p. 105).

Todos os professores afirmaram ter presenciado atitudes de generosidade por parte de seus alunos. As mais citadas foram: a divisão de lanches com os alunos que esqueceram ou não trouxeram os seus lanches “Lembro de muitas situações onde as crianças deram seu lanche para quem esqueceu ou trouxe pouco” (PC1 ANOS INICIAIS), empréstimos de material escolar para quem perdeu ou esqueceu o seu “Crianças que emprestaram o seu material ou deram coisas que eram deles”

(PC1 ANOS INICIAIS) , ajuda nos trabalhos para os mais lentos “Eu tenho algumas crianças extremamente generosas na sala de aula, que sempre ajudam amigos atrasados, parando o seu próprio trabalho” (PC3 ANOS INICIAIS), ajudar a amarrar cadarços de tênis, amigo que preocupa-se com o isolamento social do colega “ajudou o amigo deslocado socialmente, que não estava acolhido, que não tinha amigos e o chamou para brincar deixando os próprios amigos” (PC3 ANOS INICIAIS). Muitos foram os relatos de situações das crianças praticando atos generosos, “La Taille e cols. (1998), a partir da realização de pesquisa sobre as virtudes morais segundo as crianças, constaram que a generosidade faz parte do universo infantil”. (VALE e ALENCAR, 2008, p. 425).

As principais opiniões sobre o que é importante para o desenvolvimento moral do aluno apontam para a necessidade da construção de um ambiente que valorize a segurança, o amor e a generosidade nas relações, a proteção da infância.

Oferecer um ambiente protegido. Sentimento de plena segurança por parte do aluno. Entendimento do ser da criança. Eu acho que tudo está dentro da criança, a generosidade e a moral. O ambiente de nossa escola oportuna o seu desenvolvimento. O respeito entre os alunos e entre alunos e professores. Respeito pelo indivíduo e o seu caminho de desenvolvimento, sem pressão e sem exigências duras. (PROFESSORA DE MÚSICA ANOS INICIAIS).

Os professores também apontaram na direção das atitudes dos adultos no cotidiano das crianças:

Todas as histórias que a gente conta desde que eles são pequenininhos. Não somente as histórias sobre animais, mas as biografias humanas. Isso vai sendo o adubo do terreno. Aqui a gente faz muito, principalmente aqui, pois os adultos são assim, especialmente os professores, mas muitos pais já têm essa atitude. O ambiente daqui tem um clima de respeito. Um clima de amor. Quando a gente tenta não matar um bicho que está dentro da sala, estamos cultivando esse clima de amor. Traz para a criança esse sentimento. Os meus alunos ficam tristes quando ouvem histórias onde animais são maltratados. (PROFESSORA DE TRABALHOS MANUAIS ANOS INICIAIS).

A valorização do ser humano é algo comum nas afirmações. Coerência entre as ações e o discurso no ambiente escolar é preocupação presente na fala de todos os professores em relação ao desenvolvimento moral dos alunos no cotidiano da escola.

O exemplo dos adultos que trabalham na escola passa a ser fundamental.

É a cooperação entre os indivíduos que nos leva a um tipo de regulamentação moral, que colabora para o progresso moral dos grupos

sociais e dos indivíduos e, em seu desenvolvimento, caracteriza-se, entre outras coisas, por um aumento do grau de consciência e de liberdade, a tal ponto que o indivíduo, para chegar a isso, precisa do grupo e da cooperação. Se abandonados à heteronomia, ao egocentrismo, os indivíduos jamais chegam à autonomia e a uma consciência de seu papel na moral do seu grupo. (LIMA, 2004, p.15).

Em relação às atitudes da família que auxiliam no desenvolvimento moral das crianças destacou-se mais uma vez a importância da coerência, desta vez, entre a família e a escola.

Os valores trabalhados na escola devem ser os mesmos cuidados pela família. Por exemplo a importância da verdade, da sacralidade da palavra, da religiosidade, cuidar dos momentos que a família está reunida, “os membros das famílias agem em relação a moralidade de maneira semelhante, ou seja, quando os pais apresentam níveis elevados de comportamento moral, os filhos também os apresentam e vice-versa” (PRUST e GOMIDE, 2007, p. 59).

Várias foram as situações apresentadas pelos professores em que os pais podem auxiliarem no desenvolvimento moral dos filhos: contar histórias para os filhos, comer juntos as refeições, pôr os filhos para dormir, fazer uma oração ou prece na antes de dormir.

Eu acho importante a família ter uma religiosidade. Isso ajuda muito, não uma religião específica, mas momentos, rituais que faz com que a vida cotidiana, que as vezes é tão corrida, possa parar, pois eu acho que a religiosidade está presente na hora de almoçar com os filhos, de que agora a gente almoça juntos, que a gente possa conversar durante o almoço, ouvir as crianças, poder falar com calma. Na hora de dormir poder fazer uma oração, cada um com o que lhe cabe da vida, um poema, uma canção, ou simplesmente conversar um pouquinho antes de dormir, contar uma história. Isso tudo é religiosidade. Porque você está cultivando algo que é de novo o prazer de estar junto sem correria e atropelos. (PC2 ANOS INICIAIS).

As respostas dadas pelos professores, de maneira geral, demonstram consciência em relação ao desenvolvimento moral dos alunos e da importância da generosidade para tal objetivo. Também oferecem exemplos do seu emprego no ambiente escolar e sugestões de como fomentar o seu desenvolvimento no seio da família.

## 6 – Considerações Finais

Procurar identificar e analisar o papel da generosidade como componente do desenvolvimento moral nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola Waldorf foi o ponto de partida para a nossa pesquisa. Com ela pretendemos desde o princípio responder à pergunta se a cultura da generosidade dentro do ambiente escolar influencia na construção da moral e facilita o processo ensino-aprendizagem.

A cada etapa alcançada no nosso processo ficava evidente que a nossa pergunta inicial teria uma resposta afirmativa, pois quanto mais conhecíamos a respeito da generosidade, mais evidente ficava o seu valor como virtude fundamental num mundo cada vez mais egoísta, individualista, onde as relações sociais são pautadas menos no nós e mais no eu. A virtude que se alegra em dar sem esperar nada em troca só pode mesmo interferir positivamente no desenvolvimento moral dentro do cotidiano das escolas. Também foi muito significativo encontrar autores afirmando que um ambiente mais generoso e menos conflituoso oferece maior oportunidade para que o processo ensino-aprendizagem ocorra melhor. Encontrar estudos que demonstram ser a generosidade especialmente presente no mundo das crianças foi de grande auxílio para a nossa pesquisa.

O processo da construção da pesquisa foi desde o início prazeroso e desafiador. As disciplinas cursadas no mestrado deram fundamentação teórica para as perguntas surgidas durante o desenvolvimento da pesquisa. Selecionar a bibliografia a ser estudada e utilizada para a fundamentação das nossas questões de pesquisa foi um desafio constante.

O primeiro passo dado foi apresentar uma fundamentação minuciosa da Pedagogia Waldorf, uma vez que o trabalho se desenvolveu numa escola Waldorf. Foi necessária uma pequena introdução na qual foi apresentada a Antroposofia, base filosófica da Pedagogia Waldorf. Logo na sequência apresentamos um breve histórico de como nasceu a primeira escola Waldorf, bem como Rudolf Steiner, fundador da Pedagogia Waldorf. Ficou evidenciada a sua enorme preocupação com a formação dos professores frente aos desafios da tarefa pedagógica. O próximo passo foi caracterizar a escola Waldorf, suas particularidades administrativas, estrutura pedagógica, seus objetivos gerais e, em especial, sua metodologia.

Como cada escola Waldorf apresenta particularidades de sua localização e comunidade escolar, pois não existe uma diretriz geral que exija objetivos comuns, a não ser o compromisso com a compreensão do ser humano na perspectiva do estudo antropológico, apresentamos os principais aspectos da Escola Waldorf Aitiara, espaço onde a pesquisa ocorreu. Entre os principais aspectos destacam-se o fato da escola estar localizada no campo, ter um compromisso com a integração social, destinando 40% de suas vagas para um programa de bolsas de estudos, com o meio ambiente e com a Pedagogia Waldorf.

O embasamento teórico principal foi a teoria do desenvolvimento do juízo moral de Jean Piaget (1932). Além do livro *O juízo moral na criança*, buscamos trabalhar com diversos autores e pesquisadores a respeito do tema, na qual a maior dificuldade foi encontrar trabalhos para referenciar o papel da generosidade no desenvolvimento da moral. Felizmente autores como Alencar, Assis, Biaggio, La Taille, Lepre, Montenegro, Tavares, Tognetta, Vale, entre outros, colaboraram com importantes aspectos relacionados aos valores éticos, bem como a importância da afetividade, e em alguns casos da generosidade.

Para a compreensão da generosidade e do seu significado focamos nas contribuições de André Comte-Sponville, Descartes e La Taille. Entre as principais formulações a respeito do significado da generosidade algumas especialmente nortearam nossas ações, a saber, “Que virtude é mais agradável, que prazer mais virtuoso, do que desfrutar sua própria e excelente vontade? Onde encontramos grandeza de alma: ser generoso é ser livre, e é esta a única grandeza verdadeira.” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.106), “que nada estimam como mais sublime do que fazer bem aos outros homens e desprezar o seu próprio interesse, por esse motivo são sempre perfeitamente corteses, afáveis e prestativos para com quem quer que seja” (DESCARTES, 2012, p. 121), “Ela consiste em dar a outrem o que lhe falta, sendo que essa falta não corresponde a um direito. Nesse ponto, ela se diferencia da justiça, e, penso, a complementa”. (LA TAILLE, 2006, p.62) e “você não precisa aparentemente disso, não precisaria se envolver, mas quando você sai do seu espaço e vai na direção do outro com a intenção de ajudar, é assim que eu entendo a generosidade” (PROFESSORA DE TRABALHOS MANUAIS ANOS INICIAIS)

A abordagem principal da nossa pesquisa esteve centrada nos aspectos qualitativos, utilizando como técnica a observação não estruturada dos alunos dentro

do ambiente escolar e entrevistas abertas com os professores. Elaboramos um questionário para os pais, de aspecto quantitativo, instrumento que avaliamos como mais adequado para conhecermos um pouco a respeito da realidade vivida pelas famílias e a relação existente com o tema da pesquisa. A abordagem qualitativa permitiu a não interferência no cotidiano das crianças. Outro fator determinante para este tipo de abordagem foi a possibilidade de uma visão holística do processo.

Todos os procedimentos da pesquisa foram submetidos ao Conselho de ética, aprovado por meio de Parecer Consubstanciado Número 2225512.

Os dados da pesquisa foram devidamente organizados e posteriormente fundamentados por trabalhos de autores que pesquisaram o desenvolvimento moral, que escreveram livros a respeito do tema e, em especial, que tiveram a generosidade como valor determinante para o desenvolvimento moral das crianças.

Desde o início do nosso trabalho a motivação em conhecer aspectos relacionados com o tema da nossa pesquisa aconteceu de maneira natural. Fundamentar o conhecimento a respeito das virtudes, em especial a generosidade, em obras como o *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes e Paixões da Alma*, trouxe grande alegria e base para desenvolver o trabalho com maior segurança. Depois o contato com o livro *O Juízo Moral na Criança de Jean Piaget* permitiu conhecer a sua visão a respeito do desenvolvimento da moral, bem como os trabalhos de muitos autores que desenvolveram suas pesquisas dentro dessa abordagem, em especial as pesquisas de minha orientadora Rita Melissa Lepre. As disciplinas cursadas no programa de Docência para a Educação trouxeram muitos aspectos importantes que desenvolvemos na nossa pesquisa, conhecimentos de diferentes pensamentos que permitiram ampliar a nossa forma de pensar as questões referentes ao desenvolvimento educacional das nossas crianças.

Por fim, estruturar todas as informações, analisar todos os dados e, com o auxílio da orientadora, apresentar resultados que acreditamos venham contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito do valor da generosidade como componente para o desenvolvimento moral, foi de enorme satisfação e importante crescimento pessoal. Tornar a Pedagogia Waldorf mais conhecida no meio acadêmico é outro objetivo importante que acreditamos alcançar com o nosso trabalho. Paralelo à pesquisa cuidamos do nosso produto com muito carinho e na sucessão do nosso trabalho ganhou forma a ideia de um livro. O livro apresenta



exemplos de momentos e situações onde o professor pode, através de um processo criativo e generoso, elaborar parte do seu material didático utilizado em sua sala de aula. Exemplos de pequenas histórias, poemas e desenhos que fortalecem a vivência da generosidade no ambiente escolar. No livro oferecemos uma fundamentação teórica a respeito da vivência da generosidade na docência.

Estudos relacionados à generosidade como componentes importantes para o desenvolvimento moral ainda é de pouca produção. O que se de um lado dificultou nosso estudo, de outro lado nos motivou a fazer uma pesquisa que venha a contribuir para trabalhos futuros. Acreditamos que a nossa pesquisa será de muito auxílio para as Escolas Waldorf, Escolas Públicas e demais escolas, uma vez que demonstra de maneira objetiva a presença da generosidade no cotidiano das crianças, dentro e fora da sala de aula. Outro aspecto que a nossa pesquisa confirma é que num ambiente onde o diálogo entre professores e alunos acontece a resolução de conflitos dá-se de maneira mais tranquila. O valor inestimável da coerência entre o discurso e a prática dos adultos que convivem com as crianças. Que a coerência entre a família e a escola é fundamental para o desenvolvimento moral das crianças. A pesquisa também comprovou que ao desenvolver atividades pedagógicas para os seus alunos o professor possibilita a interação dos alunos e ajudas mútuas. Que o processo criativo do professor possibilita ambientes de convivência propícios para a vivência da generosidade. A elaboração de um livro com exemplos de atividades que auxiliam na construção de um ambiente propício para a vivência da generosidade, desta forma acreditamos este suporte será de ótimo apoio aos professores, um estímulo para que criem uma parte do material utilizado em sala de aula.

A nossa pesquisa enfatiza a importância e relevância de estudos a respeito do desenvolvimento moral na criança. Há necessidade de mais pesquisas referentes ao papel da generosidade como componente importante para o desenvolvimento moral no ambiente escolar. No decorrer da nossa pesquisa ficou evidenciada a pertinência do tema do nosso estudo e das possibilidades de soluções de conflitos nos espaços escolares. Por ter ocorrido em uma escola Waldorf seria importante um estudo similar em escolas com outras metodologias de ensino e com diferentes comunidades escolares. A confirmação da presença da generosidade no universo da criança reforça a necessidade de mais estudos que cheguem aos professores

dos anos iniciais do Ensino Fundamental para que desenvolvam esta importante virtude nas crianças e não percam a oportunidade de formar um cidadão mais generoso. Acreditamos que comprovando a importância da generosidade como componente do desenvolvimento moral na criança apresentamos um caminho importante para a solução de muitos conflitos em nossas escolas.

## REFERÊNCIAS

- BELTLE, ÉRIKA e VIERI, KURT. **Nós Convivemos com Rudolf Steiner**. 1. ed. São Paulo: João de Barro Editora, 2006.
- BIAGGIO, ANGELA MARIA BRASIL. **Kohlberg e a “Comunidade Justa”:** promovendo o senso ético e a cidadania na escola. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol. 10, nº 1, pp. 47-69, 1997.
- BOFF, LEONARDO. **Crise Oportunidade de Crescimento**. Campinas: Verus Editora, 2002. *Reflexão e Crítica*.
- COMTE-SPONVILLE, ANDRÉ. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. 2. ed. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2009.
- DESCARTES, RENÉ. **As Paixões da Alma**. São Paulo: Lafonte, 2012.
- FRANZ, CARLGREN e KURT O., KUNZEL. **Educação Para a Liberdade**. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. 41. Ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 2005.
- GERHARDT, TATIANA ENGEL e SILVEIRA, DENISE TOLFO. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GLASER, JACQUELINE ANDRÉA e FAVRE, JOHNNY GUEDES DE LIMA. **Ver. Psicopedag. 2008, A Moral como Obstáculo para a Aprendizagem Sistemática**. Vol. 25, nº 76, pp. 2-13.
- KÜGELGEN, VON HELMUT. **A Educação Waldorf – Aspectos da Prática Pedagógica**. São Paulo: Antroposófica, 1984.
- LANZ, RUDOLF. **Noções Básicas de ANTROPOSOFIA**. 8. ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.
- LANZ, RUDOLF. **A Pedagogia Waldorf**. 12. ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.
- LA TAILLE, YVES DE. **Moral e Ética – Dimensões Intelectuais e Afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LA TAILLE, YVES DE. **A Importância da Generosidade no Início da Gênese da Moralidade na Criança**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2006, vol. 19, nº1, pp. 9-17.
- LEPRE, RITA MELISSA. **Psicologia da Moralidade Humana e Educação: Limites e Possibilidades de Intersecção**. Tese de Livre Docência UNESP, 2016.

LEPRE, RITA MELISSA. **Desenvolvimento Moral e Indisciplina na Escola.** Nuances. Vol. V, Julho de 1999.

LIMA, VANESSA APARECIDA ALVES DE. **De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia em caminho para o estudo das virtudes.** Psicologia: Ciência e Profissão. Vol. 24, nº 3, pp. 12-23, 2004.

MENIN, MARIA SUZANA DE STEFANO. **Valores na Escola.** Educação e Pesquisa. São Paulo, Vol.28, nº 1, pp 91-100, jan/jun.2002.

MONTENEGRO, THEREZA. **Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar.** Psicologia da Educação. São Paulo, Vol. 20, pp. 77-101, 1º sem. de 2005.

OLIVEIRA, GLYCIA MELO DE; CAMINHA, IRAQUITAN DE OLIVEIRA e FREITAS, CLARA MARIA SILVESTRE. LIANA GAMA DO e ALENCAR, HELOISA MOULIN DE. **Relações de convivência e princípios de justiça: a educação moral na escola.** Psicologia Escolar e Educacional, Vol. 14, nº 2, pp. 261-270, 2010.

PIAJET, JEAN. **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo: Summus, 1994.

AITIARA ESCOLA WALDORF EDUCAÇÃO, ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. **PLANO GESTÃO ESCOLAR.** Botucatu-SP, 2015.

PRADEL, CLAUDIA e DAU, JORGE ALBERTO TORREÃO. **A Educação para Valores e as Políticas Públicas Educacionais.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Vol. 17, nº 64, pp. 521-548, 2009.

PRUST, LAÍSA WEBER e GOMIDE, PAULA INEZ CUNHA. **Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes.** Estudos de Psicologia (Campinas). vol. 24, nº 1, pp. 53-60, 2007.

SAMPIERI, ROBERTO HERNÁNDES; CALLADO, CARLOS FERNÁNDEZ e LUCIO, MARIO DEL PILAR BAPTISTA. **Metodologia de Pesquisa.** 5.ed. Porto Alegre - RS: Editora Penso, 2013.

STEINER, RUDOLF. **Estudo Geral do Homem – Uma base para a pedagogia. A Arte da Educação – I.** 5.ed. São Paulo: Antroposófica, 2015.

STEINER, RUDOLF. **Teosofia.** 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1988.

STEINER, RUDOLF. **A prática pedagógica.** São Paulo: Antroposófica, 2000.

TAVARES, MARIALVA ROSSI et. al. **Construção e validação de uma escala de valores sociomoraes.** Cad. Pesqui. 2016, Vol. 46, nº 159, pp. 186-210.

TEDESCO, JUAN CARLOS. **O novo pacto educativo.** São Paulo: Editora Ática. 2004.

TOGNETTA, LUCIENE REGINA PAULINO e ASSIS, ORLY ZUCATTO MONTOVANI DE. **A Construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade.** Educação & Pesquisa, Vol. 32, nº 1, pp. 49-66, 2006.

VALE, LIANA GAMA DO e ALENCAR, HELOISA MOULIN DE. **Generosidade Versus Interesse Próprio: Juízos Morais de Crianças e Adolescentes.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, Vol. 24, nº 4, pp. 423-431, 2008.